



Voz da Fátima

Director: Padre Luciano Guerra • Santuário de Nossa Senhora de Fátima • Publicação Mensal • Ano 81 - Nº 962 - 13 de Novembro de 2002

Propriedade

Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
AVENÇA - Tiragem 118.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 - Depósito Legal N.º 163/83

Redacção e Administração

Santuário de Fátima - 2496-908 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 - Fax 249 539 605
www.santuario-fatima.pt • e-mail: sesd@santuario-fatima.pt

Composição e Impressão

Gráfica de Leiria
Rua Francisco Pereira da Silva, 23
2410-105 LEIRIA

Assinaturas Individuais

Território Português
e Estrangeiro
5 Euros (anual)



Homenagear ou sufragar?

Que formas terá tido o que hoje são as tantíssimas línguas do género humano? Imagino que umas vezes terão sido simples gritos de alegria, outra uns gemidos, outras uns balbucios, tudo sons parecidos com os que os animais usam ainda hoje. Só muito pouco a pouco é que os sons primitivos, naturais, foram tomando forma mais definida, até que a família inteira terá começado a usar os mesmos sons para designar mais ou menos as mesmas coisas e pouco a pouco outras famílias, outros vizinhos. Deve ter levado um tempo enorme, muita alegria, muito gaguejamento, muita discussão, até que ainda hoje, pelo menos para a nossa querida língua, discutem os gramáticos entre si, discutem os Portugueses com os Brasileiros, qualquer dia juntam-se os outros países dos palop's e nunca acabam as discussões, porque a língua e as ideias andam sempre a mudar.

Ora os cristãos assentaram, durante séculos, mas talvez não desde os primeiros falecimentos de irmãos convertidos, que, primeiro, era bom fazer orações pelos seus mortos; e segundo, que essas orações seriam feitas com intenção de os ajudar a ultrapassar algum obstáculo que ainda lhes pudesse aparecer antes de entrarem definitivamente no reino de Deus. O caso dos mártires era diferente, uma vez que, tendo dado a vida por Jesus Cristo, eles acreditam que lhes era concedida a glória do reino de Deus imediatamente depois da morte, e daí que se poderia rezar junto dos seus túmulos, não pela sua purificação, de que já não precisavam, mas para que Deus os glorificasse, se possível, ainda mais, e eles no Céu intercedessem pelos que continuavam a sua peregrinação na terra. Assim, orava-se aos mártires e orava-se pelos outros defuntos. Temos muitos testemunhos da oração aos mártires, praticamente contemporâneos da sua morte, mas os testemunhos de oração pelos outros são algo mais tardio. Por exemplo, é curioso que S. Paulo, tendo escrito aos cristãos de Tessalónica, que lhe punham o problema da sorte de seus irmãos que iam morrendo antes da vinda do Senhor, deu-lhes palavras e grande esperança também para eles, mas não recomendou que rezassem pela sua salvação. Ou seja, falou do Céu, mas não mencionou aí nem o Inferno nem o purgatório, pelo que também não recomendou que orassem por eles. Esta carta foi escrita aí pelo ano 50 da nossa era cristã, estava o apóstolo ainda quase no princípio da sua pregação, e certamente também do seu entendimento da fé.

Depois de os apóstolos morrerem, não sabemos bem o que terá acontecido à maneira que as gerações se sucediam e iam tendo a mesma experiência dos cristãos de Tessalónica, a saber, que os irmãos iam morrendo como os outros homens, na esperança de que o Senhor viria um dia na sua glória, mas sem saberem quando.

Que espécie de relação terão eles mantido então com os seus mortos, que nuns casos se via bem que tinham dado totalmente suas vidas a Deus, noutros era evidente que teriam morrido em situação muito perigosa para a sua alma, enquanto a grande maioria tinha levado vidas mais ou menos correctas e mais ou menos também maculadas por faltas que exigiriam alguma purificação para o encontro face a face com Deus?

Não custa a admitir que no primeiro caso os cristãos tenham canonizado os seus santos ainda antes do juízo oficial da Igreja, e no terceiro tenham orado, segundo tradição vinda já do Antigo Testamento, e talvez de outras religiões, para que aos seus mortos fosse dado serem purificados, e tenham envolvido também os maiores pecadores públicos nessa mesma intenção, por não ousarem adivinhar o segredo profundo entre Deus e o coração dos homens, e assim, jogarem, digamos, no seguro.

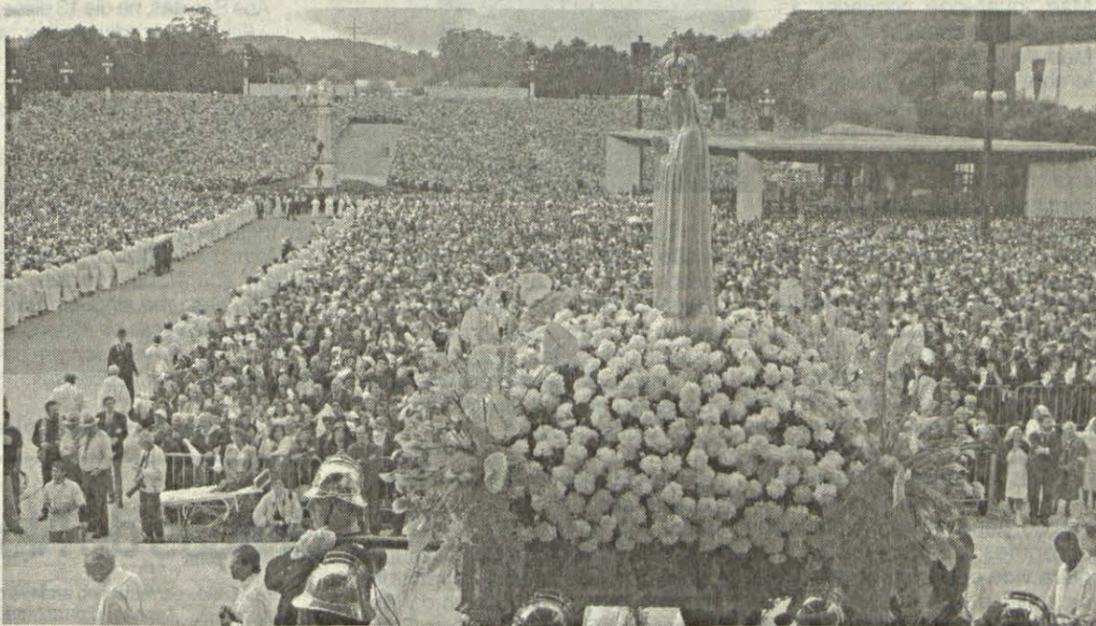
Que palavras terão usado então os cristãos para estas duas espécies de oração, uma para que Deus se dignasse glorificar ainda mais os seus santos, realizando por sua intercessão prodígios de graça sobre os vivos, e outras para que se dignasse purificar totalmente as almas dos que, sendo embora pecadores, se terão arrependido ao menos no leito de morte? Será que todas essas orações eram de elogio aos mortos, ou de panegírico? Será que os cristãos louvavam a Deus pela vida exemplar de todos eles? Será que invocavam a intercessão de todos para as suas próprias necessidades, e faziam homenagem aos seus túmulos, só para os honrarem?

Não podemos, com pena nossa, como dizia antes, encontrar documentos de todos os termos com que cada um em seu coração ou em família, e cada igreja, terá rezado em relação com os seus mortos, como não sabemos que tipo de acções e orações terão sido realizadas. Mas, pelo menos desde há muitos séculos que, tendo-se fixado melhor a convicção da existência do Purgatório, a palavra mais comum para a oração, por ocasião ou depois da passagem dos nossos mortos, é a palavra sufrágio. Sufragar quer dizer, segundo um dicionário, favorecer, apoiar, orar por alma de. Nesse sentido é que desde sempre se terá celebrado a Eucaristia pelos mortos, não em louvor deles, a não ser depois de reconhecidos oficialmente como santos.

E voltamos agora à interrogação do título: Homenagear ou sufragar? A razão do título é a tal evolução das palavras. É que os meios de comunicação, que já não pretendem traduzir a fé dos cristãos, estão a dar notícia de funerais, dizendo que foi celebrada uma missa em homenagem ao morto. Se usada para os mortos comuns, essa terminologia manifesta que se perdeu a noção da necessidade de purificação, em que crê a Igreja católica. Mas o pior é que antes disso se pode ter perdido a fé na eternidade. Digamos então, se somos cristãos católicos, que mandamos celebrar a Eucaristia pelas almas do Purgatório, em seu sufrágio e não em sua homenagem. No mês de Novembro, é bom lembrar a pureza da fé.

□ P. LUCIANO GUERRA

Centenas de milhar de peregrinos em Fátima



A dimensão pascal do matrimónio, é a força do seu mistério escondido e a Eucaristia pode tornar-se a reunião decisiva da família, momento de renovação da sua aliança matrimonial ao ritmo da aliança de Deus com o seu povo, festa das núpcias celebrada sempre de novo, aproximando em cada dia mais das núpcias eternas" - afirmou D. José Policarpo, dia 13 de Outubro, na Peregrinação das Famílias a Fátima, que congregou centenas de milhar de peregrinos.

Poder-se-á dizer que foi uma das maiores peregrinações da última década, e, talvez, a maior desde a beatificação dos Pastorinhos, em

Maio de 2000. Aos milhares de peregrinos, o presidente da celebração, D. José Policarpo, referiu ainda que "a Eucaristia é o centro da família cristã, porque o é da Igreja; é que a família é a imagem da Igreja, é a «Igreja doméstica». As mulheres presentes, D. José Policarpo disse também que "a mulher, esposa e Mãe ocupa na família cristã o lugar que Maria ocupa na Igreja". Que Maria envolva hoje "na ternura maternal do seu coração de mulher todas as famílias de Portugal e, de modo particular, as que fizeram peregrinas do seu santuário".

Segundo as nossas estatísticas (cfr. páginas centrais), esta Peregrinação Internacional Aniversária aco-

lheu cerca de 10 mil peregrinos, e destes, cerca de 5 mil foram atendidos no sacramento da Reconciliação. Perante os 23 bispos, 440 presbíteros e as centenas de milhar de peregrinos, o cardeal Patriarca de Lisboa proclamou a Oração da Família «Família faz-te ao largo». Nesta oração, o prelado refere que "o peregrinar do cristão é exigente, pois acontece num tempo de relativização de valores, numa cultura do efémero em que se perdeu a notícia da dimensão eterna do amor, fazendo parte de uma sociedade que não compreende nem protege a família, antes a agride nas mentalidades difundidas".

Novidades da Carta Apostólica



No passado dia 16 de Outubro, Sua Santidade, o Papa João Paulo II, enviou a toda a Igreja uma Carta Apostólica intitulada «Rosarium Virginis Mariae», que em português quer dizer «O Rosário da Virgem Maria».

Num artigo de opinião do «Diário do Minho» apareceu uma coluna que resume as novidades introduzidas, por este novo documento pontifício, as quais transcrevemos:

I - Incluir, na recitação semanal do Rosário - ou da sua parte mais reduzida, o Terço - cinco novos mistérios, que se referem à vida pública de Cristo, isto é, ao tempo compreendido entre o Seu Baptismo e a Paixão. Designam-se como Mistérios da Luz ou Luminosos (cfr. n.º 19 da Carta);

II - Que se considere como Mistérios da Luz ou Luminosos (cfr. n.º 21):
1.º - O Baptismo de Jesus no Jordão;
2.º - A Sua auto-revelação nas bodas de Caná;
3.º - O Seu anúncio do Reino de Deus com o convite à conversão;
4.º - A Sua Transfiguração;
5.º - A instituição da Eucaristia

III - Que se distribua, com a inserção dos Mistérios da Luz, a consideração dos mistérios semanalmente da seguinte maneira (cfr. n.º 38):

Segunda-feira: Mistérios Gozosos;
Terça-feira: Mistérios Dolorosos;
Quarta-feira: Mistérios Gloriosos;
Quinta-feira: Mistérios Luminosos. Obs. - Recordar-se que a Eucaristia foi instituída neste dia por Cristo.

Sexta-feira: Mistérios Dolorosos;
Sábado: Mistérios Gozosos. Obs. - Tradicionalmente, o Sábado é o dia dedicado pelos fiéis à devoção mariana. Os Mistérios Gozosos - Anunciação, Visitação, Nascimento e Infância de Jesus - são os que manifestam mais a presença de Maria.

Domingo: Mistérios Gloriosos.
IV - Que se recorde e viva a reza do Rosário como oração privilegiada para (cfr. n.º 40-42):
a. Pedir a paz;
b. Pedir pela família e rezar em família.

Os nossos leitores, que têm a possibilidade de aceder à Internet, podem ler o texto integral da Carta Apostólica, em www.santuario-fatima.pt.

Fátima e a Misericórdia

Toda a mensagem de Fátima se realiza e concretiza nas palavras que, na segunda aparição o Anjo dirigiu aos Pastorzinhos: «Os Corações de Jesus e de Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia».

«Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em nossos delitos, vivificou-nos juntamente com Cristo» (Ef 2, 4-5).

Como dizemos no Credo «por nós almas e para nossa salvação», enviou-nos o seu Filho, num desígnio de misericórdia, que viveu, morreu e estabeleceu a sua Igreja para nossa salvação.

Sabendo que nós somos mais atreídos a escutar a voz da Mãe, quer-nos conceder as suas graças através da Virgem, Mãe de Misericórdia. Por isso, lembra o Concílio Vaticano II:

Maria «depois de elevada ao Céu, não abandonou esta missão salvadora, mas com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da sua salvação eterna. Cuida com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à Pátria bem-aventurada» (Vat. II, LG 62).

«Fátima uma das maiores epifanias marianas de todos os tempos» (Dom Alberto Cosme do Amaral) vem lembrar-nos os grandes mistérios da Misericórdia de Deus, transmitidos por Maria: a oração, penitência, conversão dos pecadores, a paz, os mistérios da outra vida e, sobretudo, a cúpula, na aparição de 13 de Junho de 1929 em Tuy: o mistério da reden-

ção, operada no calvário, com renovação incruenta na Santa Missa, com a participação de Maria, medianeira universal de toda a graça.



Lúcia relata que no fim dessa visão sublime apareceu: «sob o braço direito da cruz estava Nossa Senhora com o seu Imaculado Coração na mão... Sob o braço esquerdo umas letras grandes, como se fossem de água cristalina, que corresse para cima do altar, formavam estas palavras «GRAÇA E MISERICÓRDIA». Quer dizer, a graça, vida sobrenatural e a Misericórdia chegam até nós, com a colaboração de Maria.

João Paulo II que afirma ter-lhe Deus confiado a missão a transmitir ao mundo a mensagem da Misericórdia. Relembrou-o em Fátima,

na primeira visita a este Santuário, nos dias 12 e 13 de Maio de 1982. Logo na noite da chegada, disse:

«Aqui estou convosco... nesta assembleia da Igreja peregrina, da Igreja viva, santa e pecadora, para louvar o Senhor porque é eterna a sua misericórdia» (SI 135, 1)... venho com o terço na mão, o nome de Maria nos lábios e o cântico da misericórdia de Deus no coração».

A mesma ideia repetiu ao despedir-se de Portugal: «Comecei a peregrinação com o cântico da misericórdia de Deus no coração; e, ao partir, quero dizer-vos que a minha alma continua a vibrar com esse cântico e cantarei eternamente as misericórdias do Senhor» (SI 89, 2).

Aos Servitas, no dia 13 disse: «Filialmente devotados a Nossa Senhora, vós sois também instrumentos de Deus misericordioso, ao servirdes os vossos irmãos».

Interpreta desta maneira a obra redentora de Cristo, com a colaboração de Maria, como na visão trinitária de Tuy:

«Com o sacrifício do próprio coração, sobretudo aos pés da Cruz, Ela teve uma singular participação na revelação da Misericórdia, Ela quer levar-nos sempre pelos caminhos da misericórdia».

Padre Fernando Leite

MEMÓRIAS

Peregrinando pela Diocese de Benguela de 1 de Agosto a 1 de Setembro de 1974

Terminada a visita ao Bocoio, dirigimo-nos para a cidade do Lobito, mais propriamente para a Missão Católica da Bela Vista, situada nos morros sobranceiros à cidade.

É uma missão com características especiais, porque é como que «um dormitório» dos trabalhadores portuários do Lobito e das cimenteiras, além de outras indústrias, como a Lesca, fábrica de farinha de peixe, etc. O jornal o «PRUMO» descrevia assim a visita da Imagem Peregrina a esta Missão:

BELA VISTA (LOBITO) – A imagem da Virgem foi recebida

no extremo do Bairro da Bela Vista e junto à estrada para as terras do interior. A visita de Nossa Senhora foi precedida de pregação pelo Rev. Pe. Marcial Gabriel de Sousa, pároco da Vila Nova, diocese de Nova Lisboa. Às 18,30 horas, houve concelebração eucarística pelos Revs. Pe. Inácio Tâmbu, Pe. Ramos da Rocha e Pe. Marcial de Sousa. Da parte da manhã foram muitíssimas as pessoas que se confessaram, e à noite foram numerosíssimas as que comungaram.

A seguir à missa, foi exposto o Smo. Sacramento, havendo adoração até à meia-noite.

No dia seguinte, às 8 horas, houve missa celebrada pelo Rev. Pe. Ramos da Rocha, com homilia. Às 10 horas houve concelebração eucarística pelos Revs. Pe. Inácio Tâmbu e Pe. Marcial de Sousa, e às 15,30 foi recitado o terço com pregação entre os mistérios. A visita terminou com a procissão do «Adeus», que desceu pela nova estrada, que liga a Bela Vista até ao mercado dos nativos, em baixo, junto à linha do caminho de ferro, que atravessa o Liro. Era tão grande a multidão, que a imagem da Senhora chegava ao termo da estrada e ainda o extremo da procissão estava a poucos passos da igreja de S. Paulo da Bela Vista.

Na sua ida para a igreja de S. José da Caponte, os nossos soldados e guardas da P. S. P. Manifestaram desejo de levar por algum tempo o andor de Nossa Senhora, desejo que foi imediata e gostosamente satisfeito.

Em torno do obelisco, erguido no princípio da cidade do Lobito, havia um mar de gente.

Chegou-nos a notícia da morte dos Revs. Padres Ernesto e Inácio Tâmbu, missionários da Missão da Bela Vista.

Pe. Ramos da Rocha

Graças de Nossa Senhora e dos Pastorinhos

«Em Abril do corrente ano andava a fazer fisioterapia. Apanhei um resfriado que se tornou numa forte pneumonia, e me afectou os ouvidos, ao ponto de ficar sem ouvir, para além de outras complicações.

Com a minha devoção aos Pastorinhos e a Nossa Senhora, comecei a fazer uma novena à Beata Jacinta. Através da sua intercessão voltei ao meu estado normal de audição.» Cassilda Teixeira – Celorico de Basto

«Estando uma sobrinha minha para ser operada aos rins (um teria de ser extraído), pedi a sua cura a Nossa Senhora e aos Beatos Francisco e Jacinta, e ela recebeu a graça de não precisar de ser ope-

rada, porque tudo ficou bem e assim continua. Por isso, peço que seja publicada esta graça, para maior honra e glória da Mãe do Céu e dos queridos Pastorinhos.» Maria Augusta Garcez – Penafiel

Agradecem a Nossa Senhora: Manuela Rodrigues – Angra do Heroísmo; Porcina Reis – Estarreja; Anónimo – Freamunde; Luísa da Conceição Fernandes e família – Prado, Melgaço; José Ribeiro – Vila Real.

Agradecem a Nossa Senhora e aos Pastorinhos: Anónimo – Torres Vedras; Maria Odete Domingues – Guarda; Isabel Madureira – Vila Flor; Maria Isabel Santos – Paredes; Maria Manuela

Catana – Idanha-A-Nova; Ana Nunes – Guarda; Anónima – Lousada; Anónimo – Barcelos; Maria José Lago – França.

Agradecem aos Pastorinhos: Maria de Lurdes Moreira – Caldas da Rainha; Irene Rodrigues da Sila – Vila Pouca de Aguiar; Arminda Trigueira – Penafiel; José Pereira – Rio de Janeiro, Brasil.

Para comunicar as graças alcançadas pela intercessão de Nossa Senhora e dos Beatos Francisco e Jacinta Marto escrever para:

Santuário de Fátima
Redacção da «Voz da Fátima»
Apartado 31 – 2496-908 Fátima.

Voz da Fátima on-line

O nosso jornal «Voz da Fátima» já se encontra disponível na página oficial do Santuário de Fátima na internet. O endereço da página é www.santuário-fátima.pt.

Santuário de Fátima

Fátima dos pequeninos

Nº 265
NOVEMBRO 2002



Querida Maria:

Nesta carta quero-te agradecer por tudo o que fizeste por todos nós.

Há muitas pessoas que não acreditam em ti, outras que só acreditavam se te vissem e há outras pessoas, como eu, que acreditam em ti, mesmo que tu não nos apareças.

Bem, como eu mencionei no parágrafo anterior, eu acredito em ti, mas gostava que não me fizesses feliz só a mim, mas a muita gente. Agora é hora de me despedir.

Agradecimentos,

Marco

Olá, amiguinhos!

Neste mês de Novembro temos mais uma carta de um menino chamado Marco. Vejam como ele agradece a Nossa Senhora tudo quanto Ela faz por nós!

E, eu também gostaria de vos lembrar que Jesus na Santíssima Eucaristia espera pela vossa visita. Ele é que verdadeiramente faz tudo quanto Nossa Senhora Lhe pede! Poderemos nós gostar da Sua Mãe sem gostar d'Ele, agradecer a Sua Mãe, sem Lhe agradecer a Ele?...

Que bom seria se na vossa igreja organizassem um tempo de adoração eucarística para todos os meninos da catequese! – Falem disso aos vossos catequistas, está bem? E, se for preciso ensinar como se faz, perguntam à «Fátima dos Pequeninos», que ela ajuda...

Até ao próximo mês, se Deus quiser!

Ir. Maria Isolinda



A minha oração:
A Deus agradeço e louvo, porque sou filho de Deus.
Aos meus pais agradeço, porque sou filho de Deus.
A todos agradeço, porque sou filho de Deus.

"VOZ DA FÁTIMA" - HÁ 80 ANOS A DIVULGAR A MENSAGEM DA SENHORA

ALGUMAS CURIOSIDADES

(Continuação do número anterior)

Redacção

A redacção da "Voz da Fátima" foi assegurada, desde 1922 até à actualidade, por muitas pessoas, cujos nomes não será fácil elencar nesta evocação.

Não podemos, porém, deixar de mencionar, e uma vez mais, o Dr. Manuel Nunes Formigão. Nas suas crónicas e noutras colaborações que deu, ele nunca se afastou da linha de rumo apresentada, no primeiro número da "Voz da Fátima", até ao momento em que "a paralisia de Abril de 1956 vem brutalmente impedir-lhe o movimento da mão e sobretudo o alento da sua vida". "A sua dedicação ao mensário foi indefectível e incansável. Foram 34 anos em que, mês a mês, fez viver e vibrar os seus leitores com os acontecimentos de Fátima" (P. J. M. Alonso).

A redacção tinha a sua sede no Seminário diocesano de Leiria, na Rua D. Nuno Álvares Pereira (Beato Nuno de Santa Maria), e, durante muitos anos, foi o coordenador da redacção o Padre Manuel Pereira da Silva, que foi também administrador do jornal até 13 de Outubro de 1930. A redacção e administração continuaram no Seminário de Leiria, ao encargo do Padre António dos Reis. Desde 13 de Agosto de 1933, a redacção e administração passa a ser referenciada como sendo Santuário de Fátima, mas a sede continuou no Seminário de Leiria, no novo endereço da Rua Marcos Portugal, 8 A.

A partir de 13 de Outubro de 1941, a redacção passa para o Paço Episcopal de Leiria, no Largo do Dr. Oliveira Salazar, 21, sendo o novo administrador o Padre Carlos de Azevedo.

Desde 13 de Julho de 1954, a proprietária, editora e administradora passou a ser a Gráfica de Leiria, instalada no Largo Cónego Maia, em Leiria.

Com o risco de esquecermos alguns nomes de redactores, lembramos ainda o Sr. Inácio Martins, durante muitos anos, também redactor e encarregado das edições da "Voz da Fátima", em espanhol, francês e inglês; o Sr. Francisco Pereira de Oliveira e, mais recentemente, o Pe. Luciano Cristino e os senhores Fernando Lagrifa Fernandes, António Pereira Gonçalves, António José Valinho e Sérgio de Carvalho, que actualmente desempenha o cargo de chefe da redacção.

A "Voz da Fátima", dirigida por Mons. Luciano Guerra, é preparada por um grupo de redacção, constituído por ele, pelo Pe. Luciano Cristino, director do Serviço de Estudos e Difusão (SESDI), Pe. Manuel de Sousa Antunes, assistente nacional do Movimento da Mensagem de Fátima, que assegura a redacção da página 4 de cada número, Pe. José Lo-

pes Baptista, director do SEPE e SEAL, António José Valinho, secretário da Reitoria, Dr. Sérgio de Carvalho, responsável do Centro de Comunicação Social, e Dr. Luís de Oliveira, responsável dos arquivos fotográfico e audiovisual. O responsável da administração é o Sr. José António Azevedo.

Para além destes, foram e continuam a ser inúmeros os colaboradores que encheram as páginas deste mensário. De entre tantos, destacamos apenas como colaborador constante e muito apreciado, o Rev. Padre Fernando Leite, desde há muitos anos.



O suplemento infantil "Fátima dos Pequenos", iniciado a 13 de Janeiro de 1979, depois do ano internacional da criança, foi da responsabilidade da Irmã Gina Magagnotti, das Filhas de Maria Auxiliadora (Salesianas) e, depois do seu falecimento, em 18 de Abril de 1989, da Irmã Maria Isolinda, das Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus, desde 13 de Novembro de 1989 até hoje.

Composição e impressão

A "Voz da Fátima" começou a ser impressa na Imprensa Comercial, do Sr. Carlos Silva, junto da Sé de Leiria.

A partir do número 52, de 13 de Janeiro de 1927, passou a ser composta e impressa na União Gráfica, Rua de Santa Marta, 150-152, de Lisboa, e na Travessa do Despacho, 16, voltando de novo à Rua de Santa Marta, 158.

A "Voz da Fátima" passou a ser composta e impressa, a partir do ano 23, nº 382, de 13 de Julho de 1954, nas oficinas da "Gráfica de Leiria" até ao presente.

Formatos e as cores

A "Voz da Fátima" começou a ser publicada no formato de 26 por 35,5cm, mantendo esse formato até ao nº 13 de Dezembro de 1926. Desde Janeiro de

1927, teve o formato de 27 por 40cm. De 13 de Maio de 1931, teve o formato de 35 a 44cm.

No número 148, de 13 de Janeiro de 1935, aparece com novo aspecto e grande formato, o maior que teve até ao presente: 40,5 por 61cm. Declarava-se, nesse número: "Nasceu pobrezinha, pobre tem vivido e apesar de tudo, é a publicação de maior tiragem em Portugal".

No número 179, de 13 de Agosto de 1937 voltava a um formato mais reduzido (30,5 por 40,5cm), justificando-se a nova mudança pela carestia do papel e consequente aumento do seu preço. Perante as duas alternativas, "aumentar o preço do jornalzinho" ou "reduzir o seu formato", optou-se pela segunda.

de Junho de 1977: 30,5 por 43,5cm, que ainda hoje se mantém.

Cabeçalhos

Ao longo destes 80 anos, a "Voz da Fátima" teve vários cabeçalhos, de que damos uma amostragem nesta página. As alterações foram feitas ao ritmo da mudança dos formatos (à excepção da última mudança): 13 de Outubro de 1922; 13 de Janeiro de 1927; 13 de Maio de 1931; 13 de Janeiro de 1934; 13 de Agosto de 1937; 13 de Julho de 1954; 13 de Maio de 1977; 13 de Maio de 2001, com a introdução da fotografia dos beatos Francisco e Jacinta. Gostaríamos de conhecer os autores dos desenhos, mas só conhecemos os de 13 de Maio de 1977 e de 2001, respectivamente o professor Vítor Silva, da Escola António Arroio, de Lisboa, e um membro da Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima.

Tiragens

Se quiséssemos apresentar brevemente a dimensão deste jornalzinho, no contexto da imprensa portuguesa, ao longo destes 80 anos, que hoje se completam, em termos de tiragens, poderíamos fazer uma estatística, expressa no gráfico que juntamos nesta página. Numa análise feita aos 960 números publicados, encontraram-se as tiragens médias mensais, por decénios, e o total dessas tiragens deu-nos um resultado de 164.325.144 (cento e sessenta e quatro milhões trezentos e vinte e cinco mil cento e quarenta e quatro) exemplares impressos! Não se pense que este cálculo é exagerado. Se é certo que o primeiro número teve uma tiragem de 6.000 exemplares, o que já foi muito para a época, e o nº 2, de 2.000, nos anos seguintes foi subindo continuamente: no princípio do segundo ano, 15.000; no princípio do 3º ano (Outubro de 1924): 32.000; 4º ano (1925): 50.000; 5º ano (1926): 40.000; 6º ano (1927): 70.000.

Ao fim de 6 anos, tinham-se publicado: 2 milhões de exemplares. No início do 11º primeiro ano (13 de Outubro de 1932), a tiragem foi de 85 mil.

Em Agosto de 1934, ultrapassou a centena de milhares de exemplares e em Dezembro do mesmo ano, 214.000; a 13 de Julho de 1935, 304.474; a 13 de Maio de 1938, atingiu o máximo da tiragem: 392.700 exemplares! Manteve-se muito acima dos 300.000 exemplares até Fevereiro de 1945. Vai havendo, depois um decréscimo até descer para 204.317, mas só em Janeiro de 1967. Actualmente a tiragem média mensal é de 118.000.

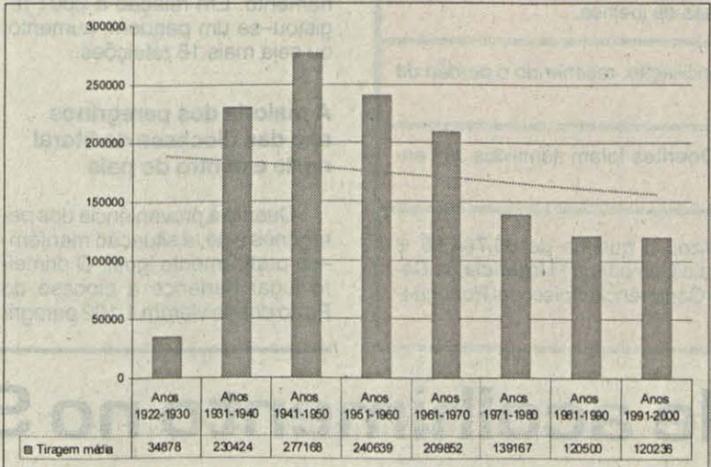
Se pensarmos que cada um dos 164.325.144 exemplares nunca teve menos de 4 páginas cada um (há alguns anos que os números de Junho e de Novembro têm 8 páginas), teremos, ao todo, a espantosa cifra de 657 milhões e 300 mil páginas!

Não desconhecemos que muitos milhares (milhões?) de exemplares não chegaram aos leitores, pelas mais diversas razões. Mas temos de reconhecer que poucas publicações periódicas portuguesas atingiram esta dimensão, exceptuando os diários de difusão nacional.

Pensamos que o jornal da "Voz da Fátima" serviu de livro de aprendizagem de ler e de leitura popular e foi veículo de cultura e de formação humana e cristã e de divulgação da mensagem de Nossa Senhora na Cova da Iria.

Em Julho de 1954, o jornal informava: "Estando já no número de perto de 250 mil exemplares a tiragem da "Voz da Fátima" e devido ao aumento de devotos de Nossa Senhora de Fátima em Espanha, França e Inglaterra e noutros países, foi necessário fazer edições nessas línguas, com a tiragem já de 20 mil para a Espanha, 3 mil para França e 11 mil para a Inglaterra e Estados Unidos, o que aumenta muito o trabalho de todas estas edições, notando-se que o jornal da Itália, "Luca di Fatima" tem uma tiragem de 100 mil, o da Alemanha, "Bote von Fatima" passa de 20 mil, havendo ainda o da Suíça, "Fatima-Bote", e o da Austrália, "The Australian Voice of Fatima", cuja tiragem ignoramos. Bem se vê que Nossa Senhora tinha razão para mandar na Fátima as crianças que aprendessem a ler. Julgou-se conveniente uniformizar as várias edições impressas em Portugal pelo que a "Voz da Fátima", edição portuguesa, passa a ser impressa e expedida na "Gráfica de Leiria" onde já o são as edições espanhola, inglesa e francesa.

Estatística da tiragem mensal média por decénio da Voz da Fátima



Tiragem por decénio:

1922 a 1930.....	3.766.824
1931 a 1940.....	27.650.880
1941 a 1950.....	33.260.160
1951 a 1960.....	28.876.680
1961 a 1970.....	25.182.240
1971 a 1980.....	16.700.040
1981 a 1990.....	14.460.000
1991 a 2000.....	14.428.320
Total	164.325.144

O Evangelho de Jesus Cristo tem de chegar a todas as pessoas e a todos os ambientes

Durante o fim-de-semana de 26 e 27 de Outubro, a Cova da Iria foi «invadida» pela Legião de Maria. Segundo informações da organização, foram cerca de 8.000 os legionários que se integraram na Peregrinação Nacional ao Santuário de Fátima.

Este movimento eclesial, nasceu na Irlanda há 81 anos e tem como objectivo promover a «glória de Deus, por meio da santificação pessoal dos seus membros, pela oração e cooperação activa, sob a orientação da autoridade eclesiástica, na obra de Maria e da Igreja».

A sua organização é inspirada nas estruturas da Legião Romana. Os nomes da sua hierarquia são semelhantes: legionários, centúrias, senado, patrícius, praesidium, etc... Até ao nível dos estandartes a semelhança é impressionante, enquanto que os da Legião Romana tinham as iniciais de SPQR (Senatus populusque Romanus) e eram de cor vermelha, os da Legião de Maria, mantêm a cor, mas substituem as iniciais pela inscrição LEGIO MARIAE. Onde outrora ia a águia imperial romana agora vai uma pomba, símbolo do Espírito Santo. Enquanto que os romanos venciam pela força da espada e da guerra, os legionários de Maria vencem pela oração e pela promoção da paz.

No sábado, os legionários contaram com a presença de D. Albino Cleto, bispo de Coimbra, que presidiu à Eucaristia de abertura da peregrinação, e com a do recém nomeado bispo auxiliar do Patriarcado de Lisboa, D. Manuel da

Rocha Felício que acompanhava um grupo de 150 estudantes da UCP de Viseu.

A Peregrinação Nacional encerrou com a celebração da Eucaristia, a que presidiu o Arcebispo Primaz de Braga, D. Jorge Ortiga.

Na homilia que proferiu, o prelado, fazendo comentário do Evangelho de S. Mateus, cap. 22, v. 34-40, disse que: «devemos amar a Deus com todo o coração, com todas as forças e energias e amar também ao próximo, pois nós só amamos a Deus, na medida em que amamos os que nos rodeiam, inspirados por Ele, com Ele e à maneira d'Ele».

Antes de terminar a homilia deixou três pistas à assembleia de como se pode amar a Deus no próximo. A primeira é «fazer o bem, na vida do dia-a-dia, com gestos concretos e que podem até ser pequenos, tais como um sorriso ou um abraço». A segunda é «acreditar no poder da oração, pois a oração em família, especialmente o terço, pode resolver os problemas». A terceira e última pista é «amar a Deus através da Evangelização; partilhar a nossa fé com alegria, sem condenar ninguém, mas levá-los à correção da sua vida à luz do Evangelho».

Finalizou a homilia, em jeito de apelo, dizendo: «O Evangelho de Jesus Cristo tem de chegar a todas as pessoas e a todos os ambientes».

Peregrinos de Fátima

Peregrinos a pé, multidões, filas de trânsito, gente de joelhos, promessas, comércio, fé, tranquilidade, conversão, agradecimento, pedidos... continuar-se-ia a fazer a lista imensa das imagens que nos podem vir à mente quando se fala de Fátima. Aliás, creio poder dizer que ainda que haja, como em todas as coisas, uma imagem comum do "ser Fátima", cada um tem uma imagem muito própria desta realidade. Podem os grupos vir em peregrinação, maior ou mais pequena, com um objectivo comum, mas nas coisas de Deus e dentro da profundidade da pessoa humana há lugar essencialmente para uma manifestação única e pessoal na actitude relacional com Deus, com a natureza e com os outros seres humanos.

Falar de peregrinos de Fátima torna-se extremamente difícil porque por mais que tentemos conhecer quem busca Fátima, os motivos interiores só a pessoa e Deus os conhecem, para além do facto falarmos de "multidões incontáveis" em muitos dos dias do ano. Creio não errar se disser que é a fé que motiva a quase totalidade dos milhões de pessoas que em cada ano demandam estas paragens. Haverá outras que por uma mera questão de curiosidade, ou até mesmo com más intenções, mas importam-nos aqueles que, com uma fé mais ou menos sincera e esclarecida, buscam em Fátima o encontro com Deus. São cada vez mais as pessoas que vêm individualmente, em família ou em pequenos grupos e, cada vez mais também, os grupos profissionais, de lazer, etários... se organizam para peregrinar até Fátima. Aqui faria um apelo a que não se limitem, os grupos ou as pessoas individuais, a vir a Fátima para uma oração breve e o acender a vela ou mesmo a par-

ticipar apenas na missa, mas que procurem tempo para o encontro pessoal mais longo com Deus. Fátima não é lugar de passagem, é lugar de encontro dialogante.

Falando de pequenos grupos, sobretudo de cariz nacional, dizia ser cada vez maior o número dos que procuram Fátima, mas se nos voltarmos para os estrangeiros, pelo menos os grupos organizados, vindos de Espanha e Itália, este ano deparamo-nos, até agora, com uma baixa bastante significativa. A que se deve? Certamente em grande parte à situação de instabilidade social em que o mundo se sente mergulhado nos nossos dias.

Olhando as estatísticas referentes aos meses de maior afluência de peregrinos, e comparando este ano e o ano passado, apercebemo-nos de uma baixa de participação em geral nas missas particulares, mas com um aumento nas oficiais, como também no terço e procissão de velas.

Nos chamados meses de Inverno, a afluência de peregrinos é, naturalmente, mais baixa, mas outras actividades se programam e realizam porque Fátima é também espaço de encontro e de formação de agentes da Igreja. Saliento o congresso da Associação Nacional de Directores Diocesanos de Peregrinações franceses, congresso que, este ano se realiza no Centro Pastoral Paulo VI e em que o Santuário acolhe cerca de 320 organizadores de peregrinações franceses e convidados de mais 13 países. Cerca de 150 são sacerdotes.

Compete ao Santuário e a Portugal acolher todos os que de coração sincero buscam a mensagem que Deus nos deu por sua Mãe.

R. José Baptista

NOTAS DO DIA 13 DE OUTUBRO

- Participaram cerca de **200.000 pessoas**, na Eucaristia de encerramento da Peregrinação Internacional Aniversária do 85.º aniversário da última aparição de Nossa Senhora, na Cova da Iria e da **Peregrinação Nacional das Famílias**.
- No Serviço de Peregrinos (SEPE) anunciaram-se, **104 grupos organizados** de peregrinação. Da Alemanha 10, Áustria (1), Bélgica (2), Cabo Verde (1), Canadá (2), Croácia (1), Diversos países (2), Eslováquia (1), Espanha (10), EUA (8), Filipinas (1), França (15), Gibraltar (1), Grã-Bretanha (10), Holanda (2), Hungria (1), Irlanda (4), Itália (15), Japão (1), Letónia (1), Polónia (7), Portugal (6), Senegal (1) e Suíça (1).
- O **Acolhimento aos Peregrinos a Pé** forneceu alojamento a 906 pessoas e distribuiu 1.741 refeições.
- A concelebração eucarística foi presidida por Sua Eminência, D. José da Cruz Policarpo, **Cardeal Patriarca de Lisboa**. Concelebraram **23 bispos** (quase todos os bispos diocesanos de Portugal) e **440 presbíteros**. Ao serviço do altar estiveram **14 diáconos** e cerca de **60 acólitos**.
- Na Sala de Imprensa foram acreditados cerca de **90 profissionais de Comunicação Social**. As celebrações foram transmitidas em directo pelos **canais televisivos**: RTP, TVI e TV Canção Nova e pelas **emissoras de rádio**: Rádio Renascença, ABC – Rádio (Ourém) e Rádio Canção Nova (Brasil). Com **equipas de reportagem** esteve o **programa ECCLESIA** (RTP2); as **rádios Maria** (Espanha) e Vaticano (Secção Búlgara); a **agência noticiosa LUSA**; os **jornais diários**: Jornal de Notícias, Correio da Manhã, Diário de Leiria, Folha de S. Paulo, Estado de Minas Gerais; os **semanários**: Notícias de Ourém e Voz da Verdade; os **mensários**: A Cidade e o Boletim diocesano de Arras (França); e as **revistas** Stella, Abril Control Jornal, Fátima Missionária, e do Brasil a Insider2 e Próxima Viagem.
- Prestaram serviço aos peregrinos 226 Servitas de Nossa Senhora, 40 escuteiros, 7 médicos e 2 enfermeiros, num total de **275 voluntários**.
- Foram atendidas 542 pessoas, no **Posto de Socorros**, 816 no **Lava-Pés**, e registadas 2.708 **promessas** de joelhos.
- Celebraram o sacramento da reconciliação, recebendo o perdão de Deus, **5.138 penitentes**.
- Para a **Bênção Eucarística dos Doentes** foram admitidos 333 enfermos.
- O ofertório desta Eucaristia totalizou a quantia de **95.784,96 €** (19.203.160\$00) que reverterá para a Campanha **«Urgência da Caridade – Angola»**, promovida pela Conferência Episcopal Portuguesa, durante o mês de Outubro.

O número de peregrinos a pé continua a aumentar...

Este ano, no Santuário de Fátima foram acolhidos mais 686 peregrinos que em 2001 e fornecidas cerca de 8.000 refeições nos dias das Peregrinações Internacionais Aniversárias de Maio a Outubro.

A Secção de Acolhimento aos Peregrinos a Pé (APP) do Santuário de Fátima acaba de divulgar os seus dados estatísticos referentes à sua actividade em 2002.

A APP tem como objectivo acolher os peregrinos de parques recintos económicos que vêm a pé até Fátima, fornecendo-lhe alojamento nas casas do Santuário (Paulo VI, Albergue, Centro Social, entre outras), em tendas militares e em casas religiosas. Esta secção, durante os 22 dias de funcionamento, repartidos pelos meses de Maio a Outubro, acolheu este ano 3.945 peregrinos adultos e 154 crianças, num total de 4.099 pessoas. Dos peregrinos adultos, 1.040 eram homens e 2.905 senhoras.

Numa primeira análise, comparando com os dados estatísticos de 2001, a APP registou este ano um aumento de 686 peregrinos em relação ao ano passado. Em 2001 a APP acolheu 3.413 pessoas.

Outro serviço prestado por esta secção é o fornecimento de refeições aos peregrinos acolhidos pelo Santuário e não só. Foram fornecidas este ano, entre pequenos almoços e sopas, 7.858 refeições, nos mesmos dias de funcionamento. Em relação a 2001 registou-se um pequeno aumento, ou seja mais 16 refeições.

A maioria dos peregrinos são das dioceses do litoral norte e centro do país

Quanto à proveniência dos peregrinos a pé, a situação mantém-se praticamente igual. O primeiro lugar pertence à diocese do Porto donde vieram 1.102 peregrinos

Diocese	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Total
Algarve	--	--	--	--	--	--	--
Angra	--	--	--	--	--	--	--
Aveiro	74	--	12	91	15	182	374
Beja	02	--	--	--	--	--	02
Braga	157	--	14	04	04	32	211
Bragança	33	--	--	--	--	--	33
Coimbra	302	19	38	135	62	493	1049
Évora	--	--	--	--	--	04	04
Funchal	--	--	--	--	--	--	--
Guarda	156	04	--	--	--	--	160
Lamego	67	--	--	01	11	--	79
Leiria	01	--	05	12	--	60	78
Lisboa	72	20	10	11	--	24	137
Portalegre	33	--	--	01	--	30	64
Porto	736	54	05	243	32	32	1102
Santarém	29	--	--	05	--	19	53
Setúbal	34	--	--	01	--	--	35
Viana C.	05	--	--	03	--	01	09
Vila Real	47	--	--	--	02	07	56
Viseu	316	02	04	68	81	21	492
França	01	--	01	--	--	--	02
Espanha	--	02	--	--	--	--	02
Itália	--	--	--	01	--	--	01
Congo	--	--	--	01	--	--	01
Austria	--	--	--	--	--	01	01
TOTAL	2.065	101	89	577	207	906	3.945

APP
Acolhimento aos Peregrinos a Pé
Ano de 2002

nos logo seguida por Coimbra com 1.049. O terceiro lugar, que em 2001 fora ocupado por Aveiro, este ano pertenceu à diocese de Viseu com 492 peregrinos. Em quarto lugar vem Aveiro com 374. Ainda com mais de 100 peregrinos registados estão Braga (211), Guarda (160) e por fim Lisboa com 137 pessoas.

Das dioceses portuguesas houve sete que se registaram entre as 10 a 100 pessoas. Assim, temos Lamego com 79 peregrinos, Leiria – Fátima (78), Portalegre – Castelo Branco (64), Vila Real (56), Santarém (53), Setúbal (35) e finalmente Bragança – Miranda com 33 peregrinos a pé.

Com menos de 10 peregrinos a pé temos Viana do Castelo com nove, Évora com quatro e Beja com duas pessoas.

Das dioceses do Algarve, Angra e Funchal não se registaram

peregrinos que tenham feito, pelo menos em parte o percurso-a pé até Fátima.

A todos estes peregrinos há que juntar os que vieram a pé do estrangeiro. Da França e da Espanha foram registados dois de cada país. Com somente uma pessoa acolhida está a Austrália, a Itália e o Congo.

O «ranking» mensal

A diocese do Porto registou o primeiro lugar em três das seis Peregrinações Internacionais Aniversárias em número de peregrinos acolhidos pela APP (Maio – 736 peregrinos, Junho – 54 e Agosto – 243). Nos meses de Julho e de Outubro coube à diocese de Coimbra o primeiro lugar, com 38 peregrinos num mês e 493 no outro. Em Setembro foi Viseu que esteve à frente com 81 peregrinos acolhidos.

30 anos de acolhimento no Santuário de Fátima

Depois das aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria, em 1917, começaram a vir peregrinos de toda a parte. Dirigiam-se em primeiro lugar às casas dos pastorinhos para que eles lhes contassem as aparições e lhes mostrassem o sítio onde tinham visto Nossa Senhora. Foram, portanto, os pastorinhos os primeiros acolhedores e informadores sobre o que se passou em Fátima, na Cova da Iria.

Cada vez vinha mais gente. Ao fim de poucos anos, eram já multidões, sobretudo nos dias de peregrinações aniversárias.

Em 1924, o Sr. Bispo de Leiria, ao tempo D. José Alves Correia da Silva, fundou a Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima, que hoje forma um enorme grupo, para acolherem os peregrinos, sobretudo os doentes. Como os Servitas usavam, e ainda hoje usam, distintivos e fardas que os identificam facilmente, era a eles que em geral se dirigiam os peregrinos, para pedir informações.

Também as obras do Santuário foram crescendo: depois da Capelinha das Aparições construíram-se as casas de retiro para os doentes, hoje, Casa Nossa Senhora do Carmo e Casa de Nossa Senhora das Dores, a Basílica e o Centro Pastoral Paulo VI. Organizaram-se e multiplicaram-se os serviços.

Em Janeiro de 1953, a Irmã Luiza Andaluz, após ter deixado o cargo de superiora geral das Servas de Nossa Senhora de Fátima, passava

o seu tempo no Santuário, acolhendo e informando os peregrinos. Foi como que a semente da secção de acolhimento que hoje existe.

Em 1 de Agosto de 1973, o Senhor Reitor do Santuário, Monseñor Luciano Guerra, convidou a então jovem Maria Cristina Galamba de Oliveira para dar forma mais concreta ao Serviço do Acolhimento e Informação aos peregrinos. A partir de Outubro do mesmo ano até Agosto de 1974 colaborou também o Irmão Paulo, polaco. Foi então que se organizaram as primeiras estatísticas.

Em Agosto de 1974 entrou como responsável do Serviço de Acolhimento e Informações a D. Teresa Miranda. Foi então que se começaram a organizar, na época de verão, visitas guiadas aos Valinhos e Aljustrel, projecções formativas e informativas aos peregrinos e abriram-se postos de acolhimento nos Valinhos, na Cruz Alta e nas entradas do Santuário. Para tudo isso foram convidados alguns acolhedores voluntários para os quais de organizaram cursos de formação e tempos de oração. Nessa altura prepararam-se os primeiros desdobráveis informativos. O Serviço foi ampliado.

Em 1978, entrou ao Serviço do Acolhimento e Informações a D. Helena Geada que a partir de 1982 ficou como responsável. Começaram a organizar-se, de 15 de Julho a 15 de Setembro, como programa de verão, “um dia em peregrinação”, com filmes, tempos de oração e vi-

sitas guiadas, sobretudo aos Valinhos, casas dos pastorinhos e Loca do Anjo. Os voluntários continuavam a ser um grupo que se distribuía por quatro quinzenas e continuavam a ter tempos de oração, de formação e de convívio que muito os estimulavam a bem acolher os peregrinos que vinham, cada vez em maior número. Ao longo do ano lectivo de 1987–1998, iniciou-se um progra-

ma para crianças das escolas e catequese, que teve grande sucesso. Cerca de 6.000 crianças participavam neste programa, em cada ano. Foi em 1983 que a D. Laura Pinheiro começou a colaborar no Serviço, onde ainda hoje se encontra. Em 1994, a D. Bernadette entrou ao Serviço, onde a partir de 2002 ficou responsável e com quem colabora, desde 2000, a D. Helena Margarida.

Entretanto abriu um segundo Posto de Acolhimento e Informações no Santuário e outro em Aljustrel, junto da casa de Lúcia.

Ao longo de todos estes anos cerca de 650 jovens voluntários ofereceram o seu tempo ao serviço de Nossa Senhora, abrindo o seu coração em acolhimento aos peregrinos, cada um ao seu jeito. A maioria destes acolhedores foram portugueses, mas também vieram de outros países como o México, EUA, Polónia, Hungria, França, Alemanha, Espanha, Bélgica, Itália, Brasil, África do Sul, Angola, Suíça, Luxemburgo, Equador e Filipinas.

Em toda a formação dos acolhedores tem colaborado a partir de 1999 a Comunidade Emanuel e, a partir de 2002 o Movimento da Mensagem de Fátima.

Em 1983, festejamos, de maneira modesta, os 10 anos do Serviço de Acolhimento e Informação, em 1993 os 20 anos e em 1998, com grande solenidade, os 25 anos, tendo então sido organizada uma exposição de todas as actividades existentes. Também nessa data se organizou uma peregrinação de acolhedores a Tui e Pontevedra.

Em 2003 queremos comemorar os 30 anos do Serviço de Acolhimento e Informação aos peregrinos. Desde já se está a organizar uma peregrinação a Tui e Pontevedra nos dias 11 a 13 de Julho de 2003 em colaboração com o Sector Juvenil do Movimento da Mensagem de Fátima.

Após ter deixado o cargo de Superiora Geral, em Janeiro de 1953, Luiza Andaluz passava o seu tempo, de Maio a Outubro, na Cova da Iria ao serviço das Informações. Ali acolhia os peregrinos, falava-lhes da mensagem de Fátima, utilizando a sua “caixa pedagógica” com elementos que simbolizavam as aparições de Fátima e, com o coração a transbordar de amor de Deus, muito a todos cativava. A facilidade com que se exprimia em cinco línguas ajudava na comunicação, tanto com os peregrinos portugueses como com os estrangeiros.

Na foto de 1958 vemos a nobre Senhora, de 81 anos, à porta do serviço de Informações, onde também estava instalada uma pequena Livraria do Santuário. Luiza Andaluz foi uma pequenina “semente” apagada, escondida, frágil, lançada à terra na primeira hora, e que Deus fez germinar... Cresceu, deu fruto! Hoje aparece com uma raiz forte, bem alicerçada, ao serviço dos peregrinos que chegam, de todas as partes do mundo, à Cova da Iria.



“A Imagem da Igreja”

Homilia na celebração litúrgica da Virgem Maria, Imagem e Mãe da Igreja

Peregrinação Nacional das Famílias – Santuário de Fátima, 13 de Outubro de 2002



Queridos Peregrinos,

1. Neste dia em que as famílias portuguesas se fizeram peregrinas, estamos a celebrar a festa litúrgica da “Virgem Maria, Imagem e Mãe da Igreja”. Imagem viva da Igreja comunhão também a família cristã é chamada a sê-lo. Estamos, assim, perante duas imagens da Igreja enquanto comunhão dos Santos: Maria, a filha predilecta do Pai, a esposa-mãe do Verbo e templo do Espírito Santo e, por isso mesmo, Mãe da Igreja comunhão, e a família, experiência de comunhão de amor, símbolo da aliança de Deus com o seu Povo e do amor de Cristo pela sua Igreja, sacramento de salvação como a própria Igreja o é, lugar privilegiado do amor e da adoração. Somos chamados a contemplar três expressões da encarnação do amor divino que é comunhão de pessoas: Maria, a Igreja, a Família.

Jesus anunciou este mistério de comunhão na promessa feita aos discípulos, a propósito da oração: “Também vos digo, se dois de vós, na terra, unem as suas vozes para pedir seja o que for, isso ser-lhes-á concedido por Meu Pai que está nos Céus. De facto se estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, Eu estou no meio deles” (Mt. 18,19-20).

A leitura dos Actos dos Apóstolos narra-nos a primeira vez que os discípulos não se reuniram com Jesus fisicamente presente – Ele acabava de subir aos Céus – mas em nome d’Ele; e pela primeira vez Jesus cumpriu abundantemente a Sua promessa, tornando-se intensamente presente, através do dom do Espírito Santo. Essa reunião constituiu a primeira imagem histórica da Igreja: os discípulos reunem-se em nome de Jesus, para rezarem a Deus Pai, movidos pelo dom do Espírito, que de todos eles faz um só, com a força da caridade. E Maria, qual semente do tempo novo, estava fisicamente presente nessa primeira concretização histórica da Igreja comunhão. Também ela congregada pelo Espírito, em nome de Jesus, aparece-nos como o ícone da própria Igreja, pois ninguém como ela é capaz da comunhão de amor. Estar ali, com os discípulos de Seu Filho, é fidelidade do seu amor maternal ao próprio Filho; a partir daquele momento, para ela, ser Mãe de Jesus é ser Mãe da Igreja. Jesus tinha-lhe anunciado esse designio, essa nova etapa da sua missão: “Mulher eis o teu filho” (Jo. 19,26).

Esta participação de Maria na primeira experiência de comunhão eclesial, selada com o dom do Espírito, ajudou a Igreja nascente a fazer dessa reunião em nome de Jesus, uma celebração da Sua Memória. É que estar reunido em Seu nome significa, necessariamente, estar com Ele no momento decisivo da Sua missão: a Páscoa. O Espírito Santo como força de Deus e Maria como ícone da Igreja, ajudam esta a centrar definitivamente a sua reunião na memória da Páscoa: “Fazei isto em Minha memória”. A Eucaristia reúne a Igreja, a Eucaristia faz a Igreja, a Eucaristia ajuda a Igreja peregrina a alegrar-se já com o banquete eterno.

2. Essa promessa de Jesus de estar no meio daqueles que se reúnem em Seu nome, encerra o mistério da família cristã e por isso ela é, como Maria, ícone da Igreja comunhão de amor.

Reunidos em nome de Jesus! A celebração do sacramento do matrimónio constitui uma etapa completamente nova na união de um homem e de uma mulher que começaram a amar-se com a força da “carne e do sangue” (cf. Jo. 1,13). Unidos a Cristo pelo baptismo, numa comunhão de fé e de amor, quando decidem unir-se um ao outro numa comunhão de vida e de amor, Cristo quer estar no meio deles, sempre e para sempre, e só não estará se O puserem fora ou não Lhe abrirem a porta. Por força do seu baptismo, a comunhão conjugal do homem e da mulher cristãos, tende a ser, por vontade de Jesus Cristo, uma comunhão a três, porque comunhão com Jesus Cristo. E o Senhor participa na especificidade do seu amor esponsal, pois também Ele ama a Igreja como uma esposa (cf. Efs. 5,25).

Que força esta comunhão de amor com Cristo pode trazer ao amor conjugal; é que só o amor esponsal de Cristo pela Igreja encaminhará os cônjuges cristãos na descoberta progressiva da riqueza e do sentido do seu amor esponsal. Desde aquele momento em que Cristo santificou o seu amor, os esposos cristãos são chamados sempre a reunir-se, para se unir, em nome de Jesus: a reunir-se na sua intimidade de ternura; a reunir-se para rezar, para apresentarem ao Pai, em nome de Jesus, as suas preces; a reunirem-se na refeição fraterna; a reunirem-se nos projectos e nas missões comuns, nas lutas da vida, na solicitude de pais, na vitó-

ria sobre as provações e os sofrimentos. Reunidos para estarem unidos, pois em todos esses momentos eles realizam o seu amor esponsal, sendo um em Cristo e com Cristo.

Reunidos em nome de Jesus, eles reúnem-se “em Sua memória”. A dimensão pascal do matrimónio, é a força do seu mistério escondido e a Eucaristia pode tomar-se a reunião decisiva da família, momento de renovação da sua aliança matrimonial ao ritmo da aliança de Deus com o seu Povo, festa das núpcias celebrada sempre de novo, aproximando-se em cada dia mais das núpcias eternas. A Eucaristia é o centro da família cristã, porque o é da Igreja; é que a família é imagem da Igreja, é a “Igreja doméstica”.

3. Mãe e Imagem da Igreja, Maria é o ícone da família cristã. Nova Eva, ela é a Mãe de todos os que renasceram em Cristo. Nela foi definitivamente vencida a maldição de Eva e restabelecida a dignidade da mulher. Segundo a primeira leitura, no Livro do Génesis, foi dito ao demónio: “Estabelecerei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela” (Gen. 3,15). Maria é o anúncio jubiloso da dignidade da mulher na nova ordem da graça. Ela, a seduzida pelo demónio, vilipendiada pelo egoísmo e, tantas vezes, pela violência; ela, tantas vezes estigmatizada na sua fragilidade e considerada, injustamente, causa do pecado, aparece-nos triunfante, qual rainha saindo do seu túnel, ornada de virtudes, jubilosa na sua grandeza, terna na sua doçura. Ela a fraca, é agora o anjo protector; ela a sedutora, tornou-se na inspiração da generosidade, do sacrifício e do dom. Rainha da família, a mulher cristã é a mulher forte elogiada pelos livros sapienciais, a expressão da ternura, a afirmação da coragem, a defensora da comunhão. A mulher esposa e Mãe ocupa na família cristã o lugar que Maria ocupa na Igreja. Que Maria envolva hoje na ternura maternal do seu coração de mulher todas as famílias de Portugal e, de modo particular, as que se fizeram peregrinas do seu Santuário.

† JOSÉ, Cardeal-Patriarca

ORAÇÃO DA FAMÍLIA

«FAMÍLIA FAZ-TE AO LARGO»

Virgem Santíssima,

Neste Santuário, onde nos acolheis como Mãe amorosa e Rainha da Paz, prostram-se aos vossos pés todas as famílias católicas de Portugal, aqui representadas por aquelas que hoje se fizeram peregrinas. Na sua peregrinação afirmam a consciência de que todo o seu projecto conjugal é um contínuo peregrinar, só possível com a força criadora do Espírito Santo e com a vossa protecção de Esposa e Mãe. Seguros da vossa protecção, queremos continuar a nossa peregrinação pelos caminhos do amor, percorrendo o itinerário da santidade cristã. Sabemos que é preciso passar da beleza natural do amor humano à profundidade da comunhão do amor divino, da perspectiva da natureza ao horizonte da graça, da tentação à fidelidade, da fragilidade à vitória, da primeira experiência de felicidade ao saborear das alegrias eternas.

Sentimos na nossa vida que o peregrinar do Cristão é exigente, pois acontece num tempo de relativização de valores, numa cultura do efémero em que se perdeu a notícia da dimensão eterna do amor, fazendo parte de uma sociedade que não compreende nem protege a família, antes a agride nas mentalidades difundidas. Mas não queremos desistir. Fortalecidos pela vossa solicitude maternal, mediadora da força do amor de Deus, queremos que a nossa luta seja testemunho e trace no mundo em que vivemos, um rasto de luz, afirmação de valores absolutos e de uma perspectiva de eternidade.

Mãe Santíssima! Queremos consagrar-nos a Vós e implorar a Vossa protecção maternal:

Consagramo-Vos o nosso projecto de amor. Que nenhuma dificuldade, as que brotam da nossa fragilidade pessoal e as que nos são impostas pela sociedade em que vivemos, o impeça de crescer e de atingir a plenitude da comunhão, no mistério do amor de Cristo pela Igreja;

Consagramo-Vos os nossos filhos, dom gratuito da bondade de Deus, sinal da fecundidade do nosso amor e expressão da nossa responsabilidade perante o mundo e perante a Igreja;

Consagramo-Vos o nosso lar, para que ele seja comunidade de amor e de descoberta da vida, irradiando a alegria da fraternidade cristã;

Consagramo-Vos o nosso desejo de lutar pelo ideal da família e a alegria do nosso testemunho.

Mãe Santíssima!

Pedimo-Vos o dom da fé, para vivermos mais plenamente o mistério da Igreja, pois sabemos que só em Igreja o nosso projecto de amor conjugal será caminho de fidelidade cristã;

Pedimo-Vos a graça da fidelidade, ao nosso cônjuge, aos nossos filhos, no desejo que ela seja a expressão da nossa fidelidade a Jesus Cristo;

Pedimo-Vos a alegria da fecundidade, participação na força criadora do amor de Deus e do amor com que Cristo ama a Igreja;

Pedimo-Vos a coragem de um amor casto, que fará de todo o nosso ser, corpo e alma, dom gratuito de amor;

Pedimo-Vos a sabedoria do discernimento, para saber encontrar, na complexidade dos problemas de vária ordem com que as famílias hoje se defrontam, os caminhos da fidelidade cristã e da realização do designio de Deus;

Pedimo-Vos a coragem para perceber que, como caminho de santidade, o casamento supõe o sofrimento, a generosidade do perdão, a grandeza da Cruz de Cristo;

Pedimo-Vos a alegria, para testemunhar ao mundo que o nosso ideal é grande e o nosso projecto é possível.

Mãe Santíssima, derramai sobre nós a harmonia da Família de Nazaré, a coragem de encontrar, na Palavra de Deus a luz que nos guia, na pureza do nosso amor a fonte da nossa alegria, na intimidade com Jesus a dimensão eterna do nosso amor, que queremos transformar em oferta de louvor em cada Eucaristia que celebremos.

† José Policarpo, Cardeal Patriarca de Lisboa

Congresso Nacional da Família - “Família, faz-te ao largo!”

Manifesto final

1. Ao celebrar os vinte anos da exortação apostólica Familiaris Consortio e reunidas em Congresso Nacional promovido pela Conferência Episcopal Portuguesa, as famílias católicas representadas por mais de cinco centenas de pessoas aí presentes e provenientes de todo o país, agradecem a Deus as graças que têm acontecido em favor das famílias nestes anos. Agradecemos as orientações do magistério e o esforço de todos os que têm sido verdadeiros dinamizadores de uma cultura que respeita a vida e a família, fundamento da civilização do amor.

2. Apesar da crise da civilização e da sociedade, são muitos os sinais positivos:

- a. o aprofundamento científico que tem tornado, cada vez mais, evidente a existência de um ser humano desde a concepção;
- b. a consciência acrescida da importância da família no seio da sociedade;
- c. as iniciativas de tantos grupos que vêm

em defesa da família ou de algum aspecto da sua vida, desde os que defendem o direito à vida ou à liberdade de ensino, aos que trabalham para a difusão de uma cultura da solidariedade e da justiça.

3. O Papa disse na Familiaris Consortio: “Família toma-te aquilo que és”. Vinte anos depois acrescentou: “Família acredita naquilo que és”. Sabendo que a família fundada no matrimónio entre o homem e uma mulher é o “berço da vida e do amor, onde o homem «nasce» e «cresce»” (CL 40), propomos-nos viver e testemunhar este ideal.

Quando se tenta equiparar a família fundada sobre o matrimónio a outras formas de agregação afectiva, está a ser ameaçada a própria estrutura social e o seu fundamento jurídico. Não se trata de uma questão convencional mas de um dado natural que nos sentimos obrigados a defender para salvaguardar a dignidade da pessoa e o futuro da sociedade.

4. Na família afirmamos o valor da vida. A vida humana, elemento fundamental e primeiro direito da pessoa, tem sido, sob vários aspectos posta em causa com o disfarce de uma aparente solidariedade. Se esta questão sempre preocupou e mobilizou as famílias cristãs, insistimos, agora, na exigência de se defender e promover a vida em todas as fases da sua existência, desde a concepção até à morte natural. E hoje isto implica uma especial preocupação por quanto se relaciona com o campo da reprodução medicamente assistida, das experiências com embriões, da clonagem e da utilização de células estaminais. Não é possível haver verdadeiro progresso técnico se houver violação dos princípios éticos, entre os quais o direito à vida como o mais elementar direito do ser humano.

5. O serviço à vida não se esgota na transmissão da vida. Exige a educação dos filhos. “Gerando no amor e por amor uma nova pessoa, que traz em si a vocação ao crescimento e ao desenvolvimento, os pais assumem por isso mesmo o dever de a ajudar eficazmente a viver uma vida plenamente humana.” (FC 36)

Numa sociedade dominada por falsos absolutos – o ter, o poder e o prazer –, sentimos hoje a urgência de sublinhar na tarefa educativa da família a transmissão de valores, a educação da afectividade e da sexualidade e a iniciação à fé cristã. Neste contexto é um direito inalienável da família a liberdade de escolha de um projecto educativo que contemple a escola desejada pelos pais e a garantia do ensino religioso. Isto implica o respeito pelo princípio da subsidiariedade por parte do Estado e o empenho das famílias. Neste caso específico impõe-

se o desenvolvimento das Associações de Pais na sua intervenção responsável para que as famílias não sejam substituídas pelo interesse de algumas minorias.

6. Também na economia e na vida política a família sente responsabilidades acrescidas e pede especial atenção. A família cristã assume uma certa austeridade de vida e compromete-se a ensaiar formas de partilha que a levem a estar cada vez mais ao serviço dos pobres.

Ao mesmo tempo, como célula básica da sociedade, ela deve ser considerada verdadeiro sujeito social. Como afirmava recentemente o Papa: “É necessário passar de uma consideração da família como sector, para uma visão da família como critério de medida de toda a acção política porque para o bem da família concorrem todas as dimensões da vida humana e social: a salvaguarda da vida humana, o cuidado da saúde e do meio ambiente; os planos reguladores das cidades, que devem oferecer condições de habitação, de serviços e de espaço verde à medida das famílias; a revisão dos processos de trabalho e dos critérios fiscais, que não se podem basear apenas na consideração de cada um dos sujeitos descuidando ou, pior ainda, penalizando o núcleo familiar.” (*)

7. A todos é pedida uma especial atenção e renovada acção, para serem sinais do amor e da esperança que nos vêm da presença do Espírito Santo. A família cristã é uma comunidade crente, evangelizadora e orante, de diálogo com Deus e serviço do ser humano. Para ajudar a alcançar a sua verdade, torna-se imperativo na vida das Comunidades a preparação para o sacramento do Matrimónio e o acompanhamento das famílias ao longo das diferentes fases da vida.

A Sagrada Família, ícone perfeito da Santíssima Trindade e modelo de toda a comunidade familiar, é luz e esperança para o futuro.

No final deste congresso, sentimos que Jesus Cristo com novo vigor e renovado ardor, nos chama a participar na construção do Reino de Deus através do anúncio e da implantação do Evangelho da Vida e da Família. E que Maria, Senhora de Fátima, ajude todas as famílias de Portugal, neste início de milénio, a fazerem-se ao largo.

Lisboa, 12 de Outubro de 2002

- Discurso do Santo Padre na festa das famílias, 20.10.2001
- Mensagem do Santo Padre ao Cardeal Camillo Ruini na Celebração dos 20 anos da Familiaris Consortio.

VIAGENS DA VIRGEM PEREGRINA

Novo alento pastoral a Baixa de Lisboa

Com o objectivo de contribuir para um novo alento pastoral numa das zonas mais peculiares da cidade de Lisboa, a Virgem Peregrina de Fátima (n.º 2) visitou as respectivas paróquias – S. Nicolau, S. Domingos, N.º S.ª da Encarnação, N.º S.ª dos Mártires e Santa Maria Maior (Sé Patriarcal) –, de 13 de Abril a 4 de Maio deste ano. Com as Igrejas repletas de fiéis, realizaram-se diariamente diversas actividades, como canto de laudes, celebrações da Santa Missa com pregações, recitações do terço, Te Deum, bênção do Santíssimo Sacramento, cânticos a Nossa Senhora por grupos corais, e vigílias de oração. Os grupos locais tiveram colaboração activa, entusiasmados por um novo dinamismo, no desejo de corresponder às necessidades de evangelização. O programa teve o seu ponto alto no dia 1 de Maio, com uma grandiosa procissão de velas. O cortejo, presidido pelo Senhor Cardeal Patriarca, D. José da Cruz Policarpo, saiu da Basílica dos Mártires, pelas 21h30, e terminou com a entrada da imagem na Sé Patriarcal de Lisboa, depois de ter percorrido várias ruas da cidade.

Inserida no programa pastoral do Patriarcado – “2001-2004: Comunidades Evangelizadas / Comunidades Evangelizadoras” –, e na dinâmica pastoral da Vigararia de Torres Vedras, a mesma imagem (n.º 2) da Virgem Peregrina efectuou uma visita às paróquias de Matacães, Monte Redondo e Runa, de 4 a 26 de Maio passado, e ainda à Paróquia de Tucifal, de 26 de Maio a 23

de Junho. A participação regular e activa na celebração do Dia do Senhor, a recepção frequente e consciente dos sacramentos, a oração diária do terço, se possível em família, e o compromisso na missão da Igreja são alguns dos propósitos destas comunicações para o futuro, formulados durante a visita da Imagem.

Venham todos rezar com a Mãe de Fátima!

A 2.ª imagem percorreu as paróquias dedicadas a Nossa Senhora de Fátima da Arquidiocese de Porto Alegre, Brasil, de 29 de Setembro a 28 de Outubro.

A visita teve início na Paróquia Estudantil de N.º S.ª do Rosário, onde se realizou uma novena de N.º S.ª de Fátima, de 29 de Setembro a 13 de Outubro, sob o lema “Venham todos rezar com a Mãe de Fátima”. Esta paróquia, situada na área Norte de Porto Alegre, foi criada em 1956 e constituída santuário em 1989. Nela foi instalada a primeira Paróquia Estudantil do Brasil, no dia 24 de Março de 2002. Trata-se de uma Paróquia destinada aos estudantes, sem área geográfica, mas aberta para a cidade. A prioridade é o trabalho com as crianças, adolescentes e jovens do ensino primário e médio. Reúne 21 escolas, num total de aproximadamente 20 mil alunos.

Seguidamente, a imagem percorreu as paróquias de N.º S.ª de Fátima de Canoas, Sapucaia do Sul, Gravatá, Viamão, Mário Quintana, Guaíba e Iapi, permanecendo dois dias em cada uma delas.

A Igreja acredita no Purgatório

Com esta espécie de «balbúrdia» em que nos mete a vida moderna, com tanta gente, mas não toda, a poder dizer o que pensa e não pensa, o que sabe e não sabe, é normal que se ouça ouvir de quando em quando, mesmo relativamente à fé: «Já ninguém sabe a quantas anda». Uns porque «essas coisas são da Idade Média», outros porque «isso agora já não se usa», outros porque «a Igreja tem de se actualizar», outros porque «nunca acreditei nisso», outros porque «isso cabe lá na cabeça de alguém», outros porque «eu cá tenho a minha fé», e toda a gente porque acha que chegou o momento de cada qual pensar pela sua própria cabeça ou aquilo que lhe apetece — enfim, chegou também para os católicos um pequeno suplemento de personalismo e liberdade, que são ambos uma graça de Deus. O que não obsta a que também aqui se manifestem os chamados efeitos laterais, como sejam vários erros que se vão ressuscitando, quase todos, do passado, ou inventando no presente, mesmo entre os católicos mais praticantes, e até ao tal ponto de muitos, muitos mesmo, já não saberem a quantas andam, e outros sentirem imensas saudades, ou melhor, premente necessidade, de algumas certezas básicas, por onde possam reconverter os seus passos, já muito adiantados no abismo. Enfim, são os normais excessos, nos tempos de desaforo, que se seguem aos de repressão — a qual também costuma seguir-se ao desaforo — e que pouco a pouco se hão-de ir curando, umas vezes por boa vontade, pela sinceridade do coração, e sempre porque «Deus não dorme», e a sua misericórdia é infinita.

A que luzes haveremos de recorrer para as tais verdades certas e imutáveis? Certamente que à luz de estudos sérios que vão sendo empreendidos, por teólogos que aderem de todo o coração à beleza, ao bem. E à revelação do Senhor, como também à luz de certos exemplos de santos e santas que em nossos dias, por entre o barulho de tantas luzes de fantasia, brilham aqui e além, aos olhos de todos, crentes e descrentes, com a própria luz de Deus, incarnada em Jesus Cristo. Não escreve a Irmã Lúcia que quando Nossa Senhora se retirava da Azinheira em direcção ao Céu, a sua luz se projectava na própria luz do Sol? Essa luz vamo-la captando todos os de coração sincero, e vai-a captando a autoridade da Igreja, que, com a assistência do Espírito Santo, exerce intrepidamente a missão de dizer à generalidade dos cristãos o que é certo na revelação divina. Mesmo sob o fogo cerrado de muitas acusações de obscurantismo, e até de crueldade.

Mas quem é o sábio que não foi alguma vez, ou muitas, acusado de não ver nada e de andar atrasado? Aliás, não é verdade que cada um tem o passo que tem, e que ninguém tem bem o mesmo passo do seu companheiro, pelo que uns andam mais depressa que os outros, e que, apesar disso, os mais adiantados têm interesse em não fugir dos mais atrasados, para não ficarem sós, que é a maior desgraça que pode cair sobre qualquer ser vivo, e os mais atrasados têm interesse em estugar o passo, para não perderem a vantagem dos que vão à frente e morrerem também na sua solidão? A autoridade pede-se então o precioso serviço de se manter ao centro, para marcar o andamento médio, e permitir assim que a Igreja viva unida, atrasando um pouco os da frente, e estimulando outro pouco os de trás, para que todos possam continuar unidos, e assim mesmo mais fortes.

Pois então, estando nós no «mês das almas», e não se apagando do coração humano a lembrança dos seus mortos, e sendo a sorte dos mortos um dos tais problemas básicos que sempre regressam à discussão nos tempos livres, como actualmente, aqui deixamos aos leitores o essencial que a Igreja ensina sobre o Purgatório, do qual se fala também na mensagem de Fátima especialmente, ao que creio, na oração que Nossa Senhora ensinou expressamente para os intervalos dos mistérios, e que, com proveito para muitos e recusa de alguns, é dita talvez milhões de vezes ao dia, pela boca dos que rezam o terço em união com Fátima.

A que fonte fomos beber para as verdades sobre o Purgatório? Ao Catecismo da Igreja Católica, números 1030 a 1032, um livro inesgotável, que todos nós deveríamos consultar, sempre que queremos abordar qualquer questão séria de fé e de vida.

□ P. LUCIANO GUERRA

O PURGATÓRIO NO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

1030 — Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não de todo purificados, embora seguros da sua salvação eterna, sofrem depois da morte uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrar no céu.

1031 — A Igreja chama *Purgatório* a esta purificação final dos eleitos, que é absolutamente distinta do castigo dos condenados. A Igreja formulou a doutrina da fé relativamente ao Purgatório sobretudo nos concílios de Florença⁶²² e de Trento⁶²³. A Tradição da Igreja, referindo-se a certos textos da Escritura⁶²⁴, fala de um fogo purificador:

«Pelo que diz respeito a certas faltas leves, deve crer-se que existe, antes do julgamento, um fogo purificador, conforme afirma Aquele que é a verdade, quando diz que, se alguém proferir uma blasfémia contra o Espírito Santo, isso não lhe será perdoado nem neste século nem no século futuro (Mt 12, 32). Desta afirmação podemos deduzir que certas faltas podem ser perdoadas neste mundo e outras no mundo que há-de vir»⁶²⁵.

1032 — Esta doutrina apoia-se também na prática da oração pelos defuntos, de que fala a Sagrada Escritura: «Por isso, (Judas Macabeu) pediu um sacrifício expiatório para que os mortos fossem livres das suas faltas» (2 Mac 12, 46). Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos, oferecendo sufrágios em seu favor, particularmente o Sacrifício eucarístico⁶²⁶, para que, purificados, possam chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda também a esmola, as indulgências e as obras de penitência a favor dos defuntos:

«Socorramo-los e façamos comemoração deles. Se os filhos de Job foram purificados pelo sacrifício do seu pai⁶²⁷, por que duvidar de que as nossas oferendas pelos defuntos lhes levam alguma consolação? (...) Não hesitemos em socorrer os que partiram e em oferecer por eles as nossas orações»⁶²⁸.

622 Cf. Concílio de Florença, *Decr. pro Graecis*: DS 1304.

623 Cf. Concílio de Trento, *Sess. 25.^a, Decretum de purgatorio*: DS 1820; *Sess. 6.^a, Decr. de iustificatione*, canon 30: DS 1580.

624 Por exemplo, 1 Cor 3, 15; 1 Pe 1, 7.

625 São Gregório Magno, *Dialogi* 4, 41, 3: SC 265, 148 (4, 39: PL 77, 396).

626 Cf. II Concílio de Lião, *Professio fidei Michaelis Palaeologi imperatoris*: DS 856.

627 Cf. Job 1, 5.

628 São João Crisóstomo, *In epistulam I ad Corinthios homilia* 41, 5: PG 61, 361.

A canonização de São Josemaria Escrivá segundo o Bispo emérito de Leiria-Fátima



D. Alberto Cosme de Amaral

O grande acontecimento suscita em mim os mais profundos sentimentos de júbilo e gratidão. Júbilo porque Deus é glorificado nos Seus santos e provoca uma maior difusão da sua mensagem na Igreja e no mundo. Gratidão para com Deus que o enriqueceu de tantos dons; gratidão para com o próprio São Josemaria pelo que significa para mim a sua paternal amizade.

Efectivamente, a canonização é o louvor da Igreja pelas excelsas graças que Deus lhe concede através dos santos nos quais Ele fez brilhar, com particular fulgor, o Seu infinito Amor por todos nós, estimulando-nos a seguir, com fé e audácia, o caminho dos santos. Em muitos casos como este, não é só o louvor pela sedutora exemplaridade de uma vida cristã apaixonante; é também um acto de agradecimento colectivo pela especial mensagem que Deus lhe confiou para bem da Igreja e do mundo.

De facto, essa mensagem, que constituiu mais tarde o núcleo da mensagem conciliar — chamamento universal à santidade e ao apostolado que fez dele precursor do Concílio — destina-se a despertar em todo o Povo de Deus a consciência da radicalidade evangélica, da totalidade para Deus (Cfr. Mc 12, 30-31). Não se pode duvidar da sua oportunidade e urgência ao contemplar a miséria doutrinal e moral de tantos baptizados que pensam e vivem como se o Senhor estivesse lá longe onde brilham as estrelas, e não consideram que também está sempre ao nosso lado como Pai amoroso (Cfr. Caminho n. 267).

A canonização do Fundador do Opus Dei repercutir-se-á salutarmente em milhões de almas como um novo e poderoso alerta para esta «guerra de paz» — costumava dizer — que consiste na luta interior, na nossa própria e contínua conversão, único meio eficaz de transmitir o Evangelho. Que ela sirva para que todos recordem os objectivos principais da contemplação da Igreja para o Terceiro Milénio, como João Paulo II nos aponta na Carta Apostólica: a contemplação do rosto de Cristo, o empenho na santidade pessoal, a oração, a Eucaristia, a Reconciliação, o primado da graça, a escuta e anúncio da Palavra (Cfr. NMI, cap. II e III).

Não posso pensar na canonização de São Josemaria Escrivá sem sentir por ele uma gratidão imensa como Bispo, como sacerdote, como fiel cristão, como amigo e como seu filho espiritual. Não saberei distinguir esses aspectos da minha gratidão, porque os reconheço na minha alma como um todo indivisível; à medida que passavam os anos e aumentavam as minhas responsabilidades eclesiais, mais provas de afecto, de

cuidado, de confiança e de paternidade fui dele recebendo. Creio, por isso, dar prioridade à minha condição de Bispo de Leiria-Fátima (actualmente emérito). Se a ele tudo me unia, desde a simpatia humana às preocupações pastorais, estas — e o nome de Fátima — aproximaram-nos num «crescendo» de intimidade que considero uma das maiores bênçãos da minha vida.

No período conciliar os nossos encontros significaram para mim — como para centenas de bispos que o visitavam — uma luz e um apoio ex-



traordinários, apesar de não interferir directamente nos nossos trabalhos. A «naturalidade sobrenatural» com que tratava de tudo elevava-nos a uma tal «altura panorâmica» nas questões em debate que as confusas se tornavam límpidas e as mais árduas fáceis.

Mas, a partir da minha nomeação para Leiria, a sua paixão por Maria e pela Igreja fez de mim um privilegiado das suas atenções. Eu era para ele além de um filho espiritual, o «bispo da Virgem» como dizia de tal maneira que não sou capaz de distinguir o seu afecto por mim do seu amor a Nossa Senhora, à Santa Igreja e ao Romano Pontífice, por quem tanto rezou na Cova da Iria. Dele recebi muitas cartas repassadas de tanta devoção e confiança na «Mãe de Fátima» que, além do seu valor documental no processo de canonização, constituirão mais tarde um tesouro para a Igreja e, naturalmente, para a própria história do nosso amadíssimo Santuário.

Outro benefício da canonização: a crescente divulgação desse tesouro de doutrina que derramou às mãos cheias por toda a parte, por escrito, através da pregação, por conversas informais, com pequenos grupos ou multidões de milhares de pessoas.

Sucedem-se conferências, congressos, simpósios; encontramos-nos perante uma fonte inesgotável de sa-

bedoria cristã que há-de beneficiar beneficentemente o existir quotidiano do Povo de Deus.

Desejava ardentemente, como todos os santos, desaparecer na sua pessoa e dar lugar a Cristo nas almas. Quer o Céu, porém, que ele apareça, agora mais do que nunca, precisamente para que continue a ser o «instrumento fidelíssimo de Deus na transmissão da perene novidade evangélica da santificação através do trabalho profissional e do cumprimento dos deveres de cada dia à imitação da família de Nazaré».

O Reino de Deus está dentro de nós. Mas a todos incumbe o grato dever de o implantar fora de nós até ao último recanto da terra, como o Fundador do Opus Dei nos ensinou ao proferir aquela impressionante homilia no Campus da Universidade de Navarra em 8 de Outubro de 1967, subordinada ao tema *Amar o Mundo Apaixonadamente*.

A doutrina é tão antiga como a Encarnação do Verbo e foi pregada pelos primeiros Padres da Igreja; simplesmente durante séculos não se falou dela. Deste modo chegou-se a cavar um fosso profundo entre a vida espiritual e o afã de cada dia, entre o templo e a rua, entre acção e contemplação. Em tal contexto a Igreja seria o espaço e o tempo em que a alma podia entrar na intimidade divina e saborear momentos do Céu; fora, o mundo seguia o seu ritmo. A breve trecho, o cristão tinha que renunciar a ser construtor da história.

O Fundador do Opus Dei preconizava a unidade de vida como meio de ultrapassar salutarmente todos esses antagonismos. É ela que permite ao crente descobrir esse «algo divino» que se encerra na actividade mais irrelevante e vulgar, escondida aos olhos dos homens, mas bem patente ao olhar de Deus.

Podemos então «falar de um materialismo cristão, que se opõe audazmente aos materialismos cerrados ao espírito». Trata-se de restituir ao universo criado a santidade e justiça originais.

Vamos então endireitar a conduta familiar, profissional, social; rectificamos intenções, oferecer a Deus todos os nossos afazeres, cuidados e alegrias; ver Cristo em todos os homens, especialmente nos mais necessitados; fazer da vida um cântico novo de louvor à Trindade e de serviço aos homens nossos irmãos.

Acreditemos na misericórdia e no poder de Deus nosso Pai e enchamo-nos de alegre e firme esperança. Restaurar tudo em Cristo foi a única paixão que deu sentido à vida e à morte do Fundador do Opus Dei. Que lá do Céu a todos acompanhe e abençoe!

† Alberto Cosme de Amaral
Bispo Emérito de Leiria-Fátima

NOVOS MISTÉRIOS DO ROSÁRIO

Ideia genial de João Paulo II

«Baptismo de Jesus no Jordão»; «Bodas de Caná»; «O anúncio do Reino de Deus»; «A Transfiguração» e «Última Ceia e Instituição da Eucaristia» são os novos mistérios do Rosário, que João Paulo II anunciou na sua Carta Apostólica «Rosarium Virginis Marie», publicada dia 16 de Outubro. A introdução dos Mistérios Luminosos no Rosário é, para o economista João César das Neves, «um atrevimento e uma ideia genial de João Paulo II». Do Papa «esperamos sempre ideias luminosas e não podemos esquecer que ele também modificou a Via Sacra, tornando-a mais evangélica».

A oração do Rosário sempre fez parte da práxis cristã dos portugueses e que o professor de Fé e Teologia da UCP — Porto, Joaquim Fernandes da

Fonseca, explica: «quem alguma vez saborear o Rosário nunca mais o deixa de rezar, só se a sua vida levar um tombo». Uma oração simples e dos simples mas «que não é rotineira, porque se dizemos 200 vezes à namorada ou à esposa que a amamos, porque não dizer isto a Cristo e a Nossa Senhora» e adianta «a sabedoria empanturrada mas a humildade e a caridade enobrecem-nos».

O centro da vida cristã é a Eucaristia, mas «o povo português é mariano, só assim se explica a devoção que nós temos a Nossa Senhora e os milhares de peregrinos que vão ao Santuário de Fátima» — disse à Agência ECCLESIA, Paulo Teixeira Pinto, jurista. Apesar de muitas vezes «ser difícil encontrar tempo para rezar o ter-

ço, tento fazê-lo diariamente» — disse. João César das Neves afirma que reza o terço com frequência «desde que tomou conhecimento da Mensagem de Fátima».

Sobre os novos mistérios que «são fabulosos», José Fernandes da Fonseca salienta ainda que «tudo nasce no baptismo e a ceia é a maior intimidade de Jesus com os seus apóstolos». No fundo «vêm tapar um buraco da vida de Jesus» — refere João César das Neves. Para o economista, Portugal será dos países onde esta Carta Apostólica «terá melhor aceitação».

Poderá ter acesso à Carta Apostólica «Rosarium Virginis Marie» através da nossa página na Internet. O endereço é www.santuário-fátima.pt.

Oração confiante

Há pouco tempo, uma pessoa contou-me, em jeito de desabafo, que às vezes não sabe se reza se não reza.

Dizia-me essa pessoa: «Gosto muito de rezar o terço. Mas sabe! Às vezes não rezo porque me encontro em situações difíceis e converso com Deus. Chego a ter a sensação que até "refilo" com Ele».

E contou-me que teve algumas dificuldades e problemas difíceis de resolver. Que andava preocupada e até um pouco angustiada. Mas um dia, à noite, antes de se deitar, sentou-se na beira da sua cama e começou por dizer a Deus:

«Olha Senhor, amanhã tenho que resolver este problema!» E descrevia a Deus todo o elenco, como se Ele não subesse de nada.

E continuava a dizer-lhe: «Tu sabes quanto me esforcei por resolver a questão! Sabes quanto já falei contigo sobre o assunto! Sabes a vida que tenho! Sabes que as coisas têm que caminhar! Sabes que da minha parte, quase nada mais há a fazer! Amanhã tem que ficar a questão resolvida! Arranja-te como entenderes! Tens que resolver isto.»

Olha Senhor, depois do que eu já fiz, Tu agora faz o resto porque eu vou dormir esta noite descansado, e Tu, amanhã, vê lá o que fazes!»

A tal pessoa contou-me que dormiu mesmo descansada durante toda a noite. E o problema, no dia seguinte, foi resolvido sem preocupações. Mas a pessoa disse-me que tinha ficado preocupada, porque lhe pareceu que aquilo não foi oração nenhuma, que foi apenas uma «rabugice» e uma «refilice» com Deus.

Eu o que lhe respondi, foi que ela tinha mesmo rezado. Pois que rezar não é só dizer fórmulas, mas também dialogar com Deus sobre as situações da vida.

Rezar dizendo a Deus as nossas

alegrias, os nossos êxitos, os nossos projectos, as nossas ansiedades, as nossas dores e angústias, a nossa pessoa e vida tal qual ela é. O nosso agradecimento! O nosso obrigado Senhor, como dizemos a qualquer pessoa!

Rezar falando a Deus como se Ele não conhecesse nada do que é o mundo e do que se passa no mundo. Falar a Deus da política, dos governantes, das guerras, do bem e do mal que se passa em nós, à nossa volta e no mundo.

Não ter medo! Conversar com Deus. Olha Senhor, é isto, e mais aquilo, e ainda mais aquilo! E aquela pessoa, e aquela situação! E aquela preocupação! E o mal que fiz! E o bem que deixei de fazer!

Em viagem, ou em casa, em qualquer sítio e falar, falar com Deus! Desabafar com Ele! Ele ouve! Ele alivia! Ele cura! Ele escuta e não é, (desculpem-me a expressão), «ca-lhandreiro».

Em lugar de falarmos tanto com os outros, silênciosos mais e falemos mais com Deus. Ele é um bom psiquiatra.

É que às vezes vamos desabafar as nossas preocupações com os nossos amigos e, daí a pouco, já toda a gente, lá na rua sabe o que se passa connosco.

Confiemos mais a Deus a nossa vida e o que se passa à nossa volta. Acreditemos que nos sentimos mais curados se confiarmos mais Nele e falarmos mais cara a cara com Ele. Não tenhamos receio de Lhe dizer as nossas coisas tal qual as sentimos. Ele leva-nos pela mão.

Alguém me dizia um dia que eu tinha uma boa forma de resolver as situações. Perguntei-lhe porquê. Respondeu-me que tinha Deus do meu lado. É verdade! Acreditemos que Deus está do nosso lado, se nós quisermos.

Ir. Rita Azinheiro

Educar para a oração

Foi precisamente este o título que a Comissão Episcopal da Educação Cristã, deu à sua nota pastoral para a Semana Nacional da Educação Cristã, que decorreu de 07 a 14 de Outubro de 2001.

Fazendo eco da Carta apostólica do Santo Padre para o Terceiro Milénio, os nossos Bispos insistem na necessidade de dar orientação e sentido transcendente à vida humana, através dum verdadeiro retorno à oração.

Com efeito, não é possível educar na fé sem, ao mesmo tempo, pensar na educação para a oração, sem cultivar o sentido da contemplação do mistério de Deus, sem provocar experiências de silêncio diante do Senhor, um silêncio habitado de mistério – pela Divina Presença que nos transcende.

Há, naturalmente, muitas formas de rezar. Mas se a oração é uma relação pessoal e amorosa com Deus muito mais do que a recitação de um conjunto de palavras pronunciadas quase rotineiramente, então, para educar para a oração, temos que privilegiar os momentos que provoquem o encontro pessoal com o Senhor. Momentos ricos de sinais e atitudes que nos facilitem esse encontro.

A oração ao S.Smo Sacramento é um desses momentos.

O grande sinal Sacramental da Hóstia Consagrada exposta solenemente às nossas adorações, o sinal da Bíblia de onde lemos e meditamos a Palavra que Deus nos diz, as luzes, as atitudes e gestos: de pé, de joelhos (ou mesmo em prostração ao jeito dos Pastorinhos...), os cânticos, etc, tudo isto cria as condições para um verdadeiro encontro com o mistério da presença transcendente de Deus, ao nível de toda a pessoa: mente, coração e corpo.



Que alegria para o Céu e grandeza na Terra, se em todas as paróquias de Portugal se fizesse o Cenáculo da Adoração para Crianças!

A catequese das nossas crianças também passa por aqui. A educação da fé que a catequese pretende, não passaria de uma transmissão doutrinária de princípios morais se não se preocupasse por pôr os catequizados em relação pessoal e íntima com Deus, em momentos fortes de oração contemplativa como estes, ainda que esses momentos sejam curtos.

Em cada acto catequético, semanal, há um momento de oração, que faz parte integrante da catequese. Mas para educar na oração, esse momento semanal, apesar de ser muito importante, não basta. Aí, na catequese, a oração aparece como resposta ao Senhor que nos falou; mas na adoração, a oração é a oferta gratuita a Deus daquele tempo de que dispomos para adorarmos a Sua Divina Presença, no mistério dos sinais sacramentais. É, então, um grande momento para educar

para o sagrado, para o transcendente, para a entrega gratuita, para a verdadeira relação pessoal e amorosa com o Senhor.

Em boa hora o Movimento da Mensagem de Fátima lançou uns guiões de apoio para a adoração Eucarística com crianças, ao jeito dos Pastorinhos, subsídio que também para os catequistas deste país poderá ser de grande utilidade. Porque de tudo podemos deitar mão, desde que nos ajude a fazer aquilo que a Igreja espera de nós: educar para a fé, educar para o encontro com Deus e para a oração. E os frutos? – Os frutos do nosso empenho e trabalho, vê-lo-emos a curto prazo. Experimentem e verão que não se vão arrepender! Digo-o por experiência própria.

Uma catequista responsável diocesana

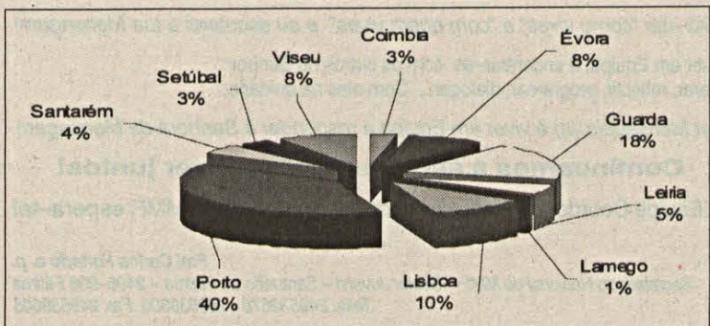
Peregrinação de Idosos em 2002



Unidos no Amor, cantemos um hino de Glória

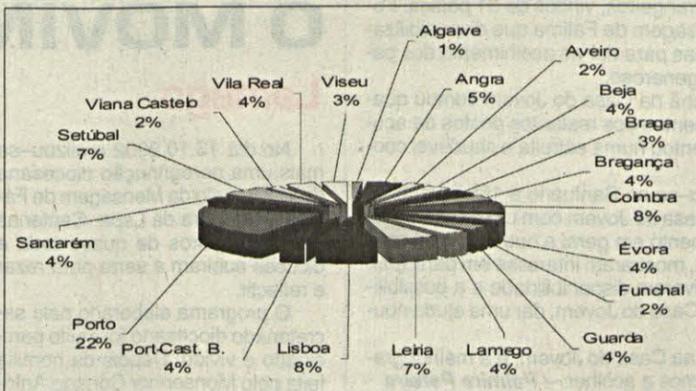
Coimbra.....	40	Porto.....	540
Évora.....	109	Santarém.....	62
Guarda.....	252	Setúbal.....	46
Leiria-Fátima.....	72	Viseu.....	110
Lamego.....	12		
Lisboa.....	142	Total.....	1385

Percentagem por Dioceses



Retiros de Doentes/02

Percentagem por Dioceses



Certamente, quem melhor pode falar destes retiros, são os participantes, doentes, deficientes físicos e equipa colaboradora.

Eis alguns testemunhos:

Sou casada e mãe de cinco filhos; três já casaram e duas são solteiras. Trabalhava como empregada doméstica, quando na deslocação da minha casa para o local de trabalho, fui atropelada. Fracturei a coluna e após prolongado tratamento, os médicos disseram que nada mais podiam fazer.

Sentada na minha cadeira de rodas, faço o que posso e convivo com a minha família, ajudando-os com a minha boa disposição, escondendo o mais que posso tudo quanto me faz sofrer.

Nem sempre assim foi. A minha vida mudou para melhor quando fiz um retiro de deficientes em Fátima. Descobri que ainda podia ser útil à minha família e à Igreja.

Tenho quatro netos. São a minha companhia e alegria. Procuo ajudá-los no que sei e falar-lhes de Deus. Pelo que verifico, hoje não se fala de Deus como me falaram os meus avós e os meus pais.

Sinto-me realizada mesmo em cadeira de rodas. Na agitação da vida que levava, nem sempre havia tempo para falar com Deus. Tinha adormecido um pouco na vida espiritual que em tempos tive-

ra. Agora, todos os dias se reza o Terço na minha casa. Este hábito que trouxe quando casei, tinha-o perdido. Sinto pena e remorsos de consciência de não ter metido no coração dos meus filhos casados o amor ao Terço que meus pais me deram. Já pedi perdão a Deus.

Fez-me bem o retiro que fiz em Fátima.

M. L.

O que vi e senti

Saudações cordiais e votos de Boa Saúde, Paz e Bem!

Venho, deste modo, tão simples e tão pobre, louvar a Deus e agradecer a Vossa Rev.cia a experiência tão rica que permitiu que eu desenvolvesse nos Retiros dos Doentes em que tive a graça de poder participar, como foram os Retiros das Dioceses de Angra e de Beja e, posteriormente, o Retiro Interdiocesano dos Rapazes, todos eles realizados no passado mês. Não foi tanto por aquilo que fiz. Foi, pelo contrário, por aquilo que me fizeram, por aquilo que Deus, por meio dos doentes fez de mim.

Estes encontros com pessoas de diferentes lugares e doentes fez-me pensar no grande dom da vida e da saúde, por um lado. Por outro lado, fez-me ganhar coragem...

O retiro mais importante para mim foi, sem dúvida o dos rapazes. Foi nesse que eu mais aprendi, foi nesse que eu mais me dei e mais – bem mais – recebi, através dos diálogos que mantive com eles. Na verdade, não consigo explicar o meu sentimento, não consigo exteriorizar o "milagre" que aconteceu em mim... Foi formidável ver como os rapazes, na doença, dão valor à vida, ver como eles rezavam – estou a recordar num dos momentos de Adoração ao Santíssimo, em que o rapaz mais deficiente, rezou, em voz alta, pedindo pelos pais – ver como eles se sentiram bem – recordo também que os que vieram pela primeira vez me disseram que iriam voltar para o ano, que tinham gostado muito. Enfim, foi um momento único, inexplicável.

Este último retiro, principalmente, foi de tal modo importante para mim que – peço desculpa por este desabafo – na procissão do "Adeus", ao entregar todos e cada um deles a Nossa Senhora, à Mãe, dei por mim a chorar e, à noite, sentia, talvez, saudades, ou um vazio qualquer...

Esta pequena carta é, pois, para agradecer o Grande Momento de Deus na minha vida, a possibilidade que me concedeu de experimentar o Verdadeiro Deus no meu caminhar vocacional de cristão e para o sacerdócio ministerial.

Respeitosamente
Évora, 07 de Julho de 2002

Ricardo Lameiras

Sector Juvenil



Nos dias 27 e 29 de Setembro do corrente ano de dois mil e dois o Sector Juvenil do Movimento da Mensagem de Fátima da diocese de Viseu realizou no Centro Pastoral de Viseu, mais um encontro "Descoberta 1" para formação de jovens daquela diocese. Participaram 21 jovens vindos das paróquias de Ferreira d'Aves, Vila Maior, Viseu, Romãs, Santos Evos, Sabugosa, Fornos de Algodres e alguns vindos da diocese de Coimbra. Foram coordenadores do encontro a Ana Carvalho, a Helena e o Rui da Equipa Coordenadora Nacional e colaborou também o Padre Morgado.

Esta é a nossa missão!

O Sector Juvenil do M. M. F. pretende, cada vez mais, ser um espaço onde se desenvolve um processo de crescimento pessoal na fé. Um espaço onde cada vez mais é necessário potenciar e discernir os carismas pessoais, de modo que no diálogo, na escuta atenta, no reconhecimento do outro... nasce a unidade a partir da diversidade: um espaço onde todos se sintam livres para colaborar, para partilhar.

Queremos crescer na fé, a partir de três suportes fundamentais: a celebração na fé, a formação e o compromisso.

Esta é a nossa Missão! A Missão comporta um estilo concreto de vida: quem se compromete com o Evangelho tem de fazer opções que marcam toda a sua vida.

Há que descobrir Jesus Cristo na vida e no coração da humanidade, sabendo que tudo o que é profundamente humano é também profundamente divino.

Há que dar a conhecer a Mensagem de Fátima como projecto de vida cristã e de inserção na Igreja, seguindo o estilo da vida de Maria e vivendo ao jeito dos Pastorinhos. — **Frei Carlos**

Casa do Jovem

A Casa do Jovem esteve aberta 85 dias durante os meses de Maio a Outubro e por lá passaram 3.290 visitantes, a maioria portugueses, mas também foram acolhidos 356 peregrinos estrangeiros, vindos de 31 países. Foram 34 os jovens do Movimento da Mensagem de Fátima que disponibilizaram alguns fins de semana e dias de férias para dar ao acolhimento dos peregrinos um pedacinho do seu coração generoso.

No mês de Agosto a oração da manhã na Casa do Jovem contou quase diariamente com a presença de elementos dos restantes postos de acolhimento e a preparação da mesma assentou numa estreita e saudável cooperação entre todos.

Nos dias 14 e 15 de Agosto realizou-se no Santuário a 16ª Peregrinação dos Acolhedores que começou na Casa do Jovem com um momento de formação para os elementos do Acolhimento em geral e outros jovens que, tendo tomado conhecimento da iniciativa, mostraram interesse em participar.

Ao longo deste ano, alguns jovens tiveram disponibilidade e a possibilidade de, durante a sua permanência na Casa do Jovem, dar uma ajuda noutros postos de Acolhimento.

O testemunho dos jovens acolhidos na Casa do Jovem, é a melhor gratificação, a melhor razão para continuarmos a acolher. — **Palmira Pereira**

Ter vindo aqui, à Casa do Jovem, fez-me muitíssimo bem. Senti que a pessoa que falava comigo estava cheíssima do Espírito Santo e ao falar comigo abriu-me os olhos do coração. Eu já conhecia a Mensagem de Fátima mas ela não tinha ainda passado do nível da razão ao coração. Saio daqui com a certeza de que algumas coisas vão mudar na minha vida. — Susana

Despertar, "deixar-se seduzir"! É preciso que alguém chegue junto de nós e nos atinja o coração para podermos olhar para o mundo e para nós próprios com novos olhos, com um olhar mais profundo e abrangente: de fé. O trabalho que aqui fazéis é precioso. Obrigado — João

O Dr. Formigão o homem da Mensagem

No dia 13 de Setembro de 1917, fez precisamente 85 anos em que pela 1ª vez pisou o solo de Fátima aquele que viria a ser apelidado como o seu maior Apóstolo. Estou a falar do P.e Manuel Nunes Formigão.

Com apenas 34 anos de idade e perfeitamente descrente dos acontecimentos que haviam sucessivamente ocorrido na Cova da Iria desde 13 de Maio desse ano, fora nomeado pelo Patriarcado de Lisboa, onde a freguesia de Fátima então pertencia, para acompanhar de perto aquilo que começava a atrair milhares de pessoas a uma charneca agreste e seca, nas faldas da Serra de Aire: as aparições de Nossa Senhora.

Dois anos mais tarde escrevia no jornal *A Guarda* a sua primeira impressão ao local das aparições, onde se posicionou na zona onde actualmente está o pórtico do jubileu, utilizando uns pequenos binóculos, preciosamente guardados no museu da Casa Formigão, Casa que o mesmo fundou vários anos mais tarde:

"Não me aproximei do lugar das aparições e quase que nem conversei com ninguém, ficando na estrada a cerca de 300 metros de distância, e apenas constatei a diminuição da luz solar, que me pareceu um fenómeno sem importância, devido por ventura à elevada altitude da serra. Continuéi, por isso, numa prudente mas benévola expectativa, como sucedia desde os acontecimentos de Agosto, porque antes deles esboçava invariavelmente um sorriso de absoluta incredulidade ao ouvir qualquer referência às aparições de Fátima"

Vinha, pois, o P.e Formigão, perfeitamente convencido que nada de sobrenatural acontecia na Cova da Iria.

No dia 27 de Setembro desse mesmo ano voltou novamente a Fátima, tendo interrogado em separado e pela primeira vez os três videntes. A partir desse dia começou a mudar de opinião, uma vez que, no essencial, os depoimentos dos pastorinhos de Aljustrel, revelavam uma perfeita unidade e congruência, não podendo as crianças, atendendo à sua tenra idade, ingenuidade e inocência, architectar uma história daquelas, uma vez que rapidamente seriam apanhadas em mentira ou contradição, isto porque estavam a ser interrogadas por um hábil e prudente sacerdote.

Voltou a inquirir, separadamente, os videntes nos dias 11, 13 e 19 de Outubro e ainda em 2 e 3 de Novembro, desse ano de 1917. Quanto mais interrogava as crianças mais convencido estava na realidade das aparições, sendo todas as dúvidas sanadas no dia da última aparição, 13 de Outubro, dado que foi testemunha ocular do fenómeno solar.

Nos dias que se deslocava a Fátima para os interrogatórios e em idas posteriores, ficava alojado na casa da família Gonçalves, situada no Montelo, lugarejo a sul de Fátima. E, curiosamente, foi com o nome de "Visconde de Montelo" que começou a assinar os trabalhos literários que ia publicando no semanário *A Guarda*, numa altura em que as regras da prudência aconselhavam a que não se identificasse como sacerdote, dado que os inimigos da Igreja, nomeadamente os livre-pensadores da maçonaria de Santarém e Lisboa, andavam de garras afiadas para ligar Fátima a obra de padres, alegando estes que as crianças haviam sido industriadas pela Igreja a inventar toda aquela história. Basta lembrarmo-nos todos do episódio do Administrador de Ourém.

E foi sob o pseudónimo literário

de "Visconde de Montelo" que o P.e Formigão começou a publicar os seus livros sobre as aparições, o primeiro dos quais e actualmente raríssimo, *Episódios Maravilhosos de Fátima*, editado em 1921. Foi um livro quase exclusivamente para ofertas e que rapidamente percorreu todo o Portugal. Pouco depois escreveu *Os Acontecimentos de Fátima* e, em 1927, a sua obra prima, *As Grandes Maravilhas de Fátima*, obra que percorreu Portugal de norte a sul, ilhas, colónias ultramarinas, Macau, Estados Unidos e muitos países da Europa, onde inclusivamente foi traduzido em outras línguas.

Movido por um recado que a vidente Jacinta Marto transmitiu, em segredo, à pessoa que a recebeu em Lisboa em Fevereiro de 1920, Madre Maria da Purificação Godinho, onde Nossa Senhora implicitamente havia manifestado o grande desejo de haver almas que se sacrificassem e reparassem as ofensas dos homens ingratos, cometidas contra o seu Imaculado Coração, o P.e Formigão não descansou enquanto não obteve autorização episcopal para fundar uma Congregação Religiosa com o fim que a Virgem tinha manifestado à pequena Jacinta.

Na verdade, esse dia chegou no início do ano de 1926, quando veio à luz do dia a Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima.

Depois de muito sofrer, o Cónego Formigão faleceu, com fama de santidade, na casa que fundou, no dia 30 de Janeiro de 1958. Em Setembro de 2001, em boa hora, deu-se início ao Processo da Causa de Canonização do P.e Manuel Nunes Formigão, sendo já inúmeras as graças e benefícios obtidos por seu intermédio.

Rafael J. A. Marques

O MOVIMENTO EM NOTÍCIA

Lamego

No dia 13.10.2002 realizou-se mais uma peregrinação diocesana do Movimento da Mensagem de Fátima à Senhora da Lapa. Centenas de mensageiros de quase toda a diocese subiram a serra para rezar e reflectir.

O programa elaborado pelo secretariado diocesano foi muito participado e vivido. Depois da homília feita pelo Monsenhor Cónego António Francisco dos Santos, fizeram o seu compromisso alguns mensageiros de várias paróquias. Houve ainda um encontro para responsáveis paroquiais, terminando com a Adoração ao Santíssimo.

Foi um momento forte da vida do Movimento na diocese de Lamego, como salientou o presidente da Celebração da Missa, convidando os mensageiros de Nossa Senhora



Os novos Mensageiros fazem o seu compromisso.

a serem transmissores da Mensagem de Fátima, tão oportuna na hora actual.

Na Adoração, salientou-se a necessidade de congregar e formar as

crianças na Escola da Eucaristia, a partir da família e durante a catequese paroquial.

Peregrinações assim vale a pena continuarem.

Programa de actividades do Sector Juvenil para o ano de 2002/2003

20, 21, 22, e 23 de Novembro — Jornadas M.M.F.

15 de Dezembro — 2ª Reunião da Equipa Coordenadora

26, 27, 28 e 29 de Dezembro — Esquema 1

26 de Janeiro — 3ª Reunião da Equipa Coordenadora

9 de Março — 4ª Reunião da Equipa Coordenadora

4, 5 e 6 de Abril — I Curso de Aprofundamento da Mensagem de Fátima (Acolhimento — Santuário)

4 de Maio — Abertura da Casa do Jovem

23 e 24 de Maio — 5ª Reunião da Equipa Coordenadora

24 e 25 de Maio — 2ª Reunião da Equipa Nacional

6, 7 e 8 de Junho — II Curso de Aprofundamento da Mensagem de Fátima (Acolhimento — Fátima)

11, 12 e 13 de Julho — Peregrinação a Tui e Pontevedra

19 e 20 de Julho — Peregrinação Nacional M.M.F.

2 a 6 de Agosto — Esquema 0

15 de Agosto — 17ª Peregrinação dos Acolhedores

Só quem ama e vive com outros. Pode ser testemunho de Fraternidade; Só crescemos de Verdade junto a outros: "Que alegria quando se tenta viver assim!"

Diz-me "como vives" e "com quem vives" e eu escutarei a tua Mensagem!

Viver em Equipa, é encontrar-se com os outros no Senhor. É orar, reflectir, programar, dialogar... Com eles na unidade.

Ser Mensageiro(a) é viver em Equipa e responder à Senhora da Mensagem.

Continuamos a ser chamados a viver juntos!

A Equipa Coordenadora Nacional do Sector Juvenil do MMF, espera-te!

Presta atenção: A próxima actividade é o Encontro "Esquema 1" a realizar de 26 a 29 de Dezembro. Esperamos a tua inscrição.

Frei Carlos Furtado o. p.
Secretariado Nacional do MMF — Sector Juvenil — Santuário de Fátima — 2498-908 Fátima
Telfs. 249539679 - 249539600 Fax 249539605